



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

ISABELA BEZERRA RIBEIRO

ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO:
Representações sociais e corpo entre adolescentes.

RECIFE

2018

ISABELA BEZERRA RIBEIRO

**ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO:
Representações sociais e corpo entre adolescentes.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima de Souza Santos

RECIFE

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

R484a Ribeiro, Isabela Bezerra.
Alice através do espelho : representações sociais e corpo entre adolescentes /
Isabela Bezerra Ribeiro. – 2018. 106 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima de Souza Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2018.
Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Psicologia. 2. Corpo humano – Aspectos simbólicos. 3. Adolescência. 4. Imagem corporal em adolescentes. 5. Representações sociais. 6. Corpo feminino.
7. Atitude. I. Santos, Maria de Fátima de Souza (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-077)

ISABELA BEZERRA RIBEIRO

**ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO:
Representações sociais e corpo entre adolescentes.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: 06 /02/ 2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a. Maria de Fátima de Souza Santos (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Yuri Sá Oliveira Sousa
(Examinador Externo)
Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dr.^a. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho aos meus pais que me apoiaram nessa jornada, ao meu irmão Homero e minha cunhada Luani que me acompanharam durante esses dois anos, ao meu sobrinho Vinícius, a minha querida orientadora Fátima Santos, que me ajudou no processo de amadurecimento profissional enquanto construíamos essa dissertação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional e suporte quando eu decidi sair de minha cidade e enfrentar novos caminhos;

Agradeço à Universidade Federal de Pernambuco e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia;

Agradeço à FACEPE pela concessão da bolsa sem a qual a realização desse trabalho não seria possível;

Agradeço aos professores do PPG-Psi que estiveram presentes nesse momento de amadurecimento profissional, em especial a Renata Aléssio e Jorge Lyra;

Agradeço à Fátima Santos, minha orientadora, pelas contribuições pessoais e profissionais, com seu jeito leve e bem humorado;

Agradeço aos amigos que se fizeram presentes durante esse período, em momentos sérios e divertidos, Patrícia Caetano, Camila Maia, Lassana Danfá, Edclécia Moraes, Stéphanie Azevedo, Laís Claudino, Joicy Santos, Maria Eduarda, Bárbara Carvalho e José Sampaio;

Agradeço às participantes da pesquisa;

Por fim, agradeço à 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação que me permitiu realizar a pesquisa e a todas as pessoas que estiveram envolvidas na construção desse trabalho.

RESUMO

Este estudo objetivou analisar a dimensão atitudinal das representações sociais referentes a estética corporal de adolescentes do município de Juazeiro do Norte, Ceará. Foi realizada uma pesquisa de campo com 20 estudantes de 15 a 18 anos de idade, da rede estadual de ensino do município de Juazeiro do Norte, Ceará. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas com o auxílio de imagens de mulheres com diversos biótipos de corpos retiradas do google. As imagens serviram como artifício para iniciar as perguntas sobre melhores e piores corpos. Para análise dos dados se utilizou a técnica de análise de conteúdo temática, que consiste em agrupar dados a partir da semelhança de conteúdo entre eles. Nesta análise surgiram quatro categorias principais que foram denominadas de o corpo ideal, o corpo rejeitado, o corpo modificado e as práticas de cuidado do corpo. Os resultados desta pesquisa vão ao encontro de outros estudos realizados em diferentes regiões do país, nos quais o ideal do corpo feminino é pensado como um corpo magro, com seios e nádegas volumosos. Enquanto o corpo com excessos de peso, marcas de celulite, estrias e marcas do tempo é visto como mal cuidado e feio. As adolescentes percebem que a mídia e a sociedade preferem mulheres com um aspecto magro, branco, de cabelos lisos e com “corpo de academia”, e aquelas que fogem a esse ideal são consideradas mal sucedidas. As entrevistadas também apresentaram atitudes negativas quanto aos corpos musculosos, uma vez que o ideal de corpo feminino vai de encontro às marcas da musculação e de força, atribuídas a características masculinas. Por identificação das adolescentes com as imagens apresentadas de mulheres negras percebemos que o marcador de raça tem uma maior contribuição nessa discussão de estética corporal. As atitudes das adolescentes referentes a essa estética também nos levaram a refletir sobre suas práticas de cuidado para manutenção ou modificação dos corpos.

Palavras-chave: Corpo feminino. Adolescência. Representações sociais. Atitudes.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the attitudinal dimension of the social representations referring to the corporal aesthetics of adolescents from the city of Juazeiro do Norte, Ceará. A field survey was carried out with 20 students aged 15 to 18 years of age from the state education network of the city of Juazeiro do Norte, Ceará. The data collection took place through semi-structured interviews with the help of images of women with different biotypes of bodies taken from google. The images served as an artifact to start the questions about better and worse bodies. To analyze the data we used the technique of thematic content analysis, which consists of grouping data from the similarity of content between them. In this analysis four main categories emerged which were termed the ideal body, the rejected body, the modified body and the practices of body care. With the results we see similarities between other studies in the literature, in which the ideal of the female body is thought of as a lean body with bulky breasts and buttocks. While the body with excess weight, cellulite marks, stretch marks and time marks is seen as poorly cared for and ugly. Teenagers realize that the media and society prefer women with a slim, white, straight-haired, "gym-body" look, and those who flout the rule are considered unsuccessful. The interviewees also presented negative attitudes regarding muscular bodies, since normative in the feminine universe goes against the marks of bodybuilding and strength, attributed to masculine characteristics. By identifying the adolescents with the presented images of black women we noticed that the breed marker has a greater contribution in this discussion of corporal aesthetics. The attitudes of adolescents regarding this aesthetic also led us to reflect on their care practices for maintenance or modification of bodies.

Keywords: Female body. Adolescence. Social representations. Attitudes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dados da Isaps sobre tipos de cirurgia no Brasil.....	20
Figura 2 - Dados da Isaps sobre quantidade de cirurgias por ano no Brasil	20
Figura 3 - Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD).....	37
Figura 4 - Categorias de análise de conteúdo temática.	51
Figura 5 - Imagem de pesquisa.....	48
Figura 6 - Imagem de pesquisa	48
Figura 7 - Imagem de pesquisa	48
Figura 8 - Imagem de pesquisa	54
Figura 9 - Imagem de pesquisa	50 e 56
Figura 10 - Imagem de pesquisa	58
Figura 11 - Imagem de pesquisa	50 e 61
Figura 12 - Imagem de pesquisa	50 e 63
Figura 13 - Capas de revistas com padrão de corpo feminino.	65
Figura 14 - Gráficos sobre satisfação e insatisfação corporal	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões frequentes sobre adolescência feminina.	25-27
Quadro 2 - Maior frequência entre as melhores	49
Quadro 3 - Maior frequência entre as piores	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TRS Teoria das Representações Sociais

IRAMUTEQ Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires

CHD Classificação Hierárquica Descendente

UCE Unidade de Contexto Elementar

Isaps Sociedade Internacional de Cirurgia plástica e estética

G1 Portal de notícias da Globo

TDAH Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

TALE Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PERCURSOS HISTÓRICOS DO CORPO E ADOLESCÊNCIA	16
2.1	O DESIGN CORPORAL	19
2.2	OS SIGNIFICADOS DE SER ADOLESCENTE E DA ADOLESCÊNCIA	21
2.3	SOU FERA, SOU BICHO, SOU ANJO E SOU MULHER: ADOLESCÊNCIA NO CORPO FEMININO.....	24
3	QUEBRANDO ESPELHOS E CONSTRUINDO TEORIAS: INTERLOCUÇÕES COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	28
3.1	O CORPO COMO OBJETO DE REPRESENTAÇÕES	32
3.2	O CORPO MAGRO E GORDO EM ESTUDOS RECENTES	33
3.3	REFLETINDO SOBRE O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	35
3.3.1	<i>O corpo como foco do processo de saúde e doença</i>	<i>38</i>
3.3.2	<i>Corpo feminino, padrões e mídia.....</i>	<i>40</i>
3.3.3	<i>A questão metodológica</i>	<i>42</i>
4	OBJETIVOS.....	44
4.1	OBJETIVO GERAL.....	44
4.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	44
5	MÉTODO	45
5.1	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	46
5.2	ANÁLISE DE DADOS	47
6	RESULTADOS: “NEM MUITO MAGRA, NEM MUITO GORDA”	48
6.1	O CORPO IDEAL: COR, PESO E FORMA	51
6.1.1	<i>Uma cor natural.....</i>	<i>53</i>
6.2	O CORPO REJEITADO: FRACASSOS NO CORPO	55
6.2.1	<i>Corpo envelhecido.....</i>	<i>56</i>
6.2.2	<i>O corpo estranho.....</i>	<i>58</i>
6.2.3	<i>O corpo musculoso.....</i>	<i>60</i>
6.2.4	<i>Excessos no corpo</i>	<i>61</i>
6.2.5	<i>Falando no lugar da mídia</i>	<i>63</i>
6.3	O CORPO MODIFICADO.....	66

6.3.1	<i>Cirurgias estéticas</i>	67
6.3.2	<i>Mantendo o corpo</i>	69
6.4	PRÁTICAS DE CUIDADO DO CORPO	70
6.4.1	<i>Exercícios</i>	70
6.4.2	<i>Dieta e Alimentação</i>	71
6.4.3	<i>Cuidados Faciais</i>	72
7	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	74
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	90
	ANEXO A - IMAGENS DA PESQUISA	91
	ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA	98
	ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	99
	ANEXO D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	102
	ANEXO E - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS	105
	ANEXO F - TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE	106

1 INTRODUÇÃO.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a dimensão atitudinal das representações da estética de corpo e as práticas de cuidado de adolescentes mulheres. É pretendido aqui incitar uma discussão psicossocial sobre o corpo da mulher, uma vez que o corpo é percebido como um objeto relativo às esferas do psicológico, do social e do cultural (JODELET, 1984/2015).

É necessário refletir sobre o ideal de beleza que circula em nossa sociedade, o qual deve ser atingido pelas mulheres na busca por um corpo quase inalcançável. A imagem do corpo escultural, magro, curvilíneo e, ao mesmo tempo, saudável é veiculada pelas mídias impressas, pelos canais de televisão e, mais recentemente, através da internet nas redes sociais. Imagem que vem carregada de discursos clínicos e higienistas de saúde e bem-estar (SIQUEIRA; FARIA, 2008).

De certo modo há uma maior cobrança sobre o corpo das mulheres, marca de uma hegemonia masculina e consumista, no qual este corpo é posto como um objeto de desejo e de comercialização. Em paralelo cresce a indústria voltada à demanda de proclamar a juventude e beleza feminina. Tais discursos, muitas vezes, colaboram com a distorção da imagem corporal que as mulheres têm de si e legitimam insatisfações que as levam a alguma prática estética para modificar tal imagem (GOETZ, et. al., 2008).

Meu interesse particular sobre o corpo apareceu timidamente ainda durante a graduação, em pesquisas sobre a bulimia e outros problemas relacionados a imagem corporal na adolescência. De longe minha preocupação não estava somente nos distúrbios, mas também nos processos naturais do desenvolvimento humano. O meu trabalho de conclusão de curso se tornou uma análise a partir da psicologia do desenvolvimento sobre as histórias de Lewis Carroll.

A personagem Alice me intrigava, como uma mocinha (como ela se apelida no livro) enfrentava o processo de crescer e de se sentir pequena, de esperar acontecer o que se espera para uma menina de 12 anos. Tudo isso num cenário *nonsense* do imaginário do autor Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll, que se inspirou para criação da história nas filhas de um amigo. Os livros Alice através do Espelho (1872/2013) e Alice no País das Maravilhas (1865/2013) têm me feito companhia há muito tempo e sempre me fascinaram.

O interesse pelo corpo feminino ou corpo da mulher parte de um questionamento pessoal: Porque nós mulheres sempre nos sentimos insatisfeitas com nossos corpos? Alice

representa neste trabalho o meu convite aos leitores para refletir sobre o corpo, sobre padrões, sobre as influências midiáticas e, sobretudo, a dimensão atitudinal das representações sociais.

A comparação que tento fazer com a pesquisa parte do clímax da história de Alice, a constante reflexão filosófica sobre quem ela é, para onde vai e, acompanhando esses questionamentos, as mudanças que tem em seu corpo, ora grande demais, ora pequeno demais. Incomodada com os súbitos ataques de crescimento e decrescimento ela interage com outros personagens que a ajudam a encontrar o tamanho ideal do corpo.

A teoria que utilizamos para dar continuidade ao estudo, a teoria das representações sociais (TRS), pode auxiliar nessa discussão sobre estética corporal. Investigar sobre as representações sociais de corpo é refletir sobre os valores e relações sociais instituídos em uma dada cultura e de como os diferentes grupos sociais explicam, representam e dão sentido a acontecimentos, ações e objetos ligados ao corpo.

Inicialmente, para dar suporte a pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico dos trabalhos produzidos sobre corpo e representações sociais (descritores) nos últimos 13 anos, o período de tempo foi determinado por conveniência, para reunir uma quantidade relevante de estudos para análise. As plataformas de periódicos bases foram o Scielo, PePsic, Biblioteca Virtual de Saúde e o Portal de periódicos da CAPES. Entre artigos, dissertações e teses um total de 537 trabalhos foram encontrados, Capes 390 (80 com o descritor corpo no título), Bvs 120, Scielo 21, Pepsic 6. Foram excluídos os duplicados e os que não focalizavam debate sobre corpo. As áreas de maior produção são da saúde, especificamente educação física, enfermagem e psicologia, apareceram também alguns trabalhos classificados em estudos de História, Feminismo e Comunicação e Mídia.

Notamos com o levantamento que grande parte das pesquisas foram realizadas com jovens ou adolescentes de universidades ou escolas dos centros urbanos. Um estudo nos chama atenção por ser realizado na capital e no interior, permitindo a reflexão sobre diferenças e semelhanças. Consideramos importante refletir sobre as diferenças culturais relativas aos usos do corpo, as quais podem interferir nas representações construídas sobre ele.

Essa dissertação foi estruturada em 3 capítulos. O primeiro denominado *Conhecendo histórias e conceitos: corpo e adolescência*, faz um resgate histórico sobre os primeiros estudos a respeito do corpo humano, como ele foi nomeado e estratificado para apreciação dos órgãos e estruturas internas e de como o significado e as práticas de cuidado do corpo tomam caminhos diversos em culturas diferentes. Em seguida discute o surgimento do termo adolescência como construção histórico-cultural e como domínio do conhecimento científico

médico e psicológico. Por fim discute-se a adolescência da mulher brasileira em meio aos padrões de beleza atuais.

No segundo capítulo, Quebrando espelhos e construindo teorias: interlocuções com as representações sociais, são apresentadas questões de definição da Teoria das Representações Sociais e seus principais temas, assim como são definidos seus objetos de estudo. Também são destacados os principais estudos sobre o corpo e, por meio de uma análise de classificação hierárquica descendente de 40 deles, realizada pelo *software iramuteq* é apresentado um quadro contendo o que foi mais significativo nas pesquisas. A partir dos resultados o capítulo também traz uma pequena discussão sobre o corpo das mulheres e a influência midiática.

O terceiro capítulo, no qual está presente a discussão da pesquisa de campo, é apresentado após o item de procedimentos metodológicos. A pesquisa foi realizada no sertão do Ceará, na cidade Juazeiro do Norte, localizado na região do Cariri e que faz fronteira com os interiores dos estados da Paraíba, Pernambuco e Piauí. Neste capítulo apresentamos a pesquisa realizada por meio de entrevistas com 20 alunas de uma escola de ensino médio pública. Também são apresentados os resultados e a análise de conteúdo temática. Os principais temas deste capítulo envolvem o corpo ideal, o corpo rejeitado, o corpo modificado e as práticas de cuidados do corpo.

Por último, nas considerações finais, apresentamos o que foi observado a partir do que era esperado na pesquisa e do que mais nos chamou atenção. Durante as análises foi identificado que para as adolescentes o melhor corpo é aquele magro, sem marcas de idade e de flacidez, definido e bem feito, porém não muito musculoso. Enquanto o pior corpo é aquele com marcas em excesso, muito musculoso e com deficiências. Também refletimos sobre os aspectos que envolvem a saúde e o corpo como as atividades físicas e a prática de controle alimentar.

2 PERCURSOS HISTÓRICOS DO CORPO E ADOLESCÊNCIA

“Quem é você?” Perguntou a Lagarta.
 Alice respondeu, meio encabulada: “Eu... eu mal sei,
 Sir, neste exato momento... pelo menos sei
 quem eu era quando me levantei esta manhã,
 mas acho que já passei por várias mudanças
 desde então.”
 [...] “ser de tantos tamanhos diferentes num dia é
 muito perturbador.”
 (Alice no país das Maravilhas, 2013. p.38)

Ao longo da história da humanidade o corpo foi investido de diversos significados e tratado conforme as censuras e exposições culturais, havendo momentos durante os séculos XVIII e XIX de glorificação do nu e de censura religiosa sobre ele (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). Para os gregos o corpo nu era artístico, em suas esculturas tanto o corpo feminino quanto o masculino eram representados como representantes de força e como objetos de prazer. Com o avanço do cristianismo, os corpos foram compreendidos como obras divinas que não poderiam ser expostas, foram cobertos os órgãos sexuais investidos de censura, a qual compartilhamos até os dias atuais em nossa sociedade.

Na Idade Média e no Renascimento as relações sociais de poder e a revolução industrial apontaram para ideia de um corpo produtivo, percebemos uma nova interpretação para as funções do corpo relacionadas ao trabalho. No século XX o interesse médico pelo corpo se torna mais evidente quanto as práticas higienistas sobre ele. O discurso construído sobre o cuidado de si e do corpo tinha interesses maiores, como lembra Foucault (1988/2005), de controle e poder. O corpo nesse momento histórico deveria, segundo o autor, ser capaz de aguentar longos períodos de trabalho, mas também capaz de se recriar, de consumir e se adaptar.

Com a figura de O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci de 1490, especula-se refletir sobre um corpo milimetricamente pensado, a cabeça com dimensões traçadas, a posição dos braços e das pernas que possibilita observar quatro posturas diferentes e todo o corpo circunscrito dentro de um círculo. Baseado num traçado de arquitetura, Da Vinci nos

permite ilustrar essa discussão sobre o corpo, não é à toa que até hoje a figura é reapresentada de diferentes ângulos e com outros personagens.

Em “Adeus ao corpo” Le Breton (2016) apresenta que o corpo inicialmente foi estudado a partir da classificação médica, a descoberta de suas funções, órgãos e estruturas internas eram admiradas. Tudo o que se descobria de novo era de caráter a qualificar mais a máquina humana, porém o discurso científico foi mudando de foco e para se adequar a lógica capitalista foi necessário apontar que esta máquina possuía também defeitos, que se sobressaíam às qualidades. As fraquezas e imperfeições genéticas tornavam o corpo um objeto em construção e a medicina poderia refazê-lo segundo as suas necessidades, alegando que mudanças eram necessárias para preservá-lo e aprimorá-lo:

A medicina deixa de se preocupar somente com cuidar, justificando-se dos sofrimentos possíveis: ela intervém para dominar a vida, controlar os dados genéticos; ela tornou-se uma instância normativa, um bipoder (Foucault), uma forma científica e cruel de enunciação do destino; sem no entanto, ser capaz de cuidar dos males em evidência[...] (LE BRETON, 2016, p. 23).

Já nas Ciências Sociais a discussão sobre o corpo ganha espaço inicialmente na Antropologia. Mauss (1974) alerta para desconstrução do pensamento biologizante sobre os corpos, convidando-nos a refletir acerca das dimensões culturais e históricas. Ao justificar que algumas práticas como caminhar, comer e nadar são desempenhadas de formas diferentes a depender da cultura o autor propõe um olhar sobre as práticas e aspectos sociais sobre os corpos.

Outras áreas dentro das Ciências Sociais como a Psicologia, História e os estudos feministas também ilustraram o corpo em seus estudos. Reflexões sobre sexo e sexualidade, sobre psicofarmacologia, estética, mídia e consumo compõem alguns desses estudos. Siqueira e Faria (2008) realizaram uma pesquisa sobre as publicações em revistas para o público feminino desde a década de 1960 e observaram a existência de três grandes linhas de discurso que variam com o tempo. Nos anos de 1960, em função das reivindicações feministas, as publicações valorizavam o corpo natural¹. Nesse período a emancipação feminina era destaque nas matérias das revistas. Nos anos 1980 há uma mudança no foco desses conteúdos e se enfatizavam as práticas de exercícios físicos, reforçando o valor das academias de ginástica, assim como se atribuía a essas práticas a obtenção de uma boa saúde a essas

¹ O corpo natural ou a beleza natural são tratados aqui enquanto aqueles corpos em que as normas estéticas não são acentuadas. No caso das reivindicações feministas, como uma luta sobre o controle higienista. Ao nosso ver sem julgamentos associados aos padrões estéticos, e de forma que todos os biótipos de corpos são naturais e reais.

práticas. Nos anos 2000 o grande discurso estava ligado a nova concepção de saúde que incluía o bem-estar físico e mental, o que abre caminho para que as práticas de yoga passem a tomar lugar privilegiado nas publicações, essa atividade foi e é apresentada como algo que proporciona equilíbrio entre corpo e mente.

As autoras, refletindo sobre a variação das matérias em revistas durante o passar das décadas, observaram que as reivindicações feministas quanto a valorização do corpo natural foram ocupando cada vez menos o conteúdo central, enquanto tomavam o lugar matérias cujo conteúdo se firmava sobre as transformações do corpo, com a difusão da ideia de saúde biopsicossocial, corpo e mente sendo fortalecidos juntos.

Um acessório de presença, o corpo deixa de ser espaço do natural para ser domínio da reconstrução, é por ele que seremos julgados e classificados. Somos convidados a modelar e preservar a aparência, ocultando o envelhecimento e adiando a morte (LE BRETON, 2016).

Em algumas culturas estar dentro da norma, aproximar-se do ideal de corpo confere ao indivíduo benefícios como prestígio, sucesso amoroso e profissional, assim como estar fora da norma significa ser malsucedido nesse desafio, estar acima do peso ou descuidar da aparência é inaceitável. O corpo se torna objeto de competitividade, de troca, de julgamentos e para ser valorizado nessas condições é investido de modificações e reorganizações (TONINI; SAUERBRONN, 2013).

Aires (2016) aponta para o aumento de informações midiáticas voltadas a aceitação do corpo e estéticas corporais diferentes, especialmente em marcas de modas por exemplo a moda *plus size*. Campanhas publicitárias contranormativas surgiram nas redes sociais e na televisão nos últimos anos, tanto no exterior quanto no Brasil, permitindo um espaço de direito ao que a autora chama de estéticas corporais diferentes. As circulações desse tipo de conteúdo têm o objetivo de fortalecer um grupo de minorias que desejam se sentir mais seguras com a sua beleza, independentemente de estar fora do padrão. A grande questão é justamente questionar a existência de padrões.

No Brasil outros aspectos de beleza natural aparecem no meio midiático, porém Hoff (2016) acredita que isso acontece de forma distorcida e estereotipada, são exemplos as publicidades de corpos étnicos (afrodescendente, indígena e japonês). A autora destaca a propaganda de uma marca de cosméticos que faz comparações de paleta de cores para maquiagem mostrando a fotografia de uma mulher com o rosto dividido meio a meio, de um lado ela usa um enfeite de cabeça tipicamente indígena e está com o rosto pintado com cores fortes, do outro lado as mesmas cores da pintura do rosto estão nas pálpebras da mulher.

Mesmo no intuito de atingir a uma certa camada da população, alguns publicitários

exageram e desviam o conteúdo da verdadeira aceitação do corpo real. Revelam que é importante se sentir bem com o corpo, ao mesmo tempo estampam capas de revistas modelos magras, com corpos definidos anunciando a dieta milagrosa ou a cirurgia da moda para perder o peso necessário.

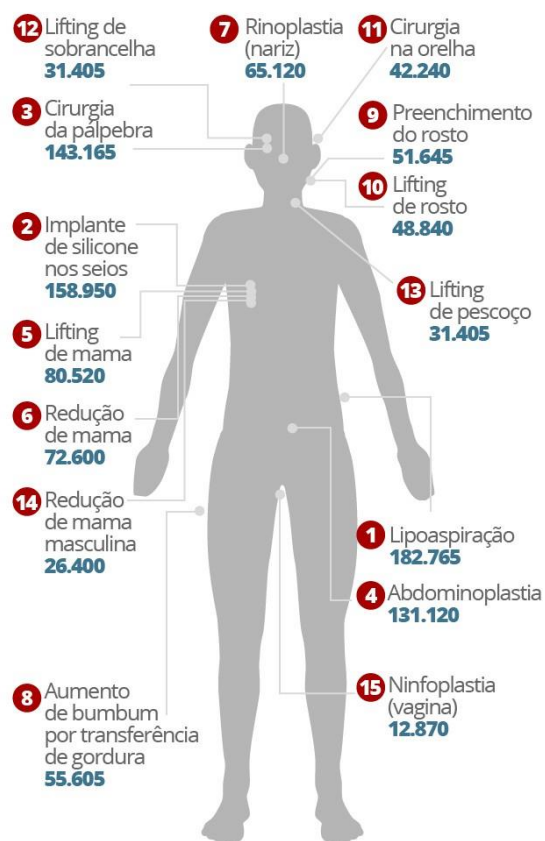
O ideal estético supera a preocupação com o sentir-se bem e com a saúde. Não é difícil encontrar campanhas atuais de cosméticos que fazem referência à pele negra associada à sujeira ou mal hábito de higiene, sugerindo sabonetes, desodorantes e hidratantes que clareiam a pele, assim como maquiagens e cosméticos com a mesma função. Essas questões nos fazem refletir que os padrões de corpos em nossa sociedade permeiam o debate sobre preconceito e discriminação racial. Ainda que produzidas propagandas que realmente demonstram uma preocupação com a beleza real não podemos esquecer que a publicidade não foge à regra da comercialização e do consumo, o corpo diferente é construído a partir de um estilo de vida mercadológico, aponta Hoff (2016).

2.1 O *DESIGN* CORPORAL

Com o objetivo de se aproximar dos padrões ou de fugir deles, de pertencerem a certos grupos, os sujeitos se submetem a formas de modelação e reconstrução dos corpos, cada vez mais presentes em nossa sociedade que envolvem desde transformações por práticas de exercícios e cirurgias estéticas, artes no corpo como tatuagens e *piercing*, até o controle farmacológico e psicofarmacológico (LE BRETON, 2016).

O Brasil sempre é lembrado como um país que exporta tecnologia e profissionais quando se trata de cirurgias plásticas, o país esteve em 2013 no primeiro lugar entre os países que mais realizam cirurgias estéticas e em 2015 em segundo lugar, segundo dados da Sociedade Internacional de Cirurgia plástica e estética (Isaps). Dentre os principais tipos de procedimentos realizados estão a lipoaspiração, o implante de silicone e o aumento das nádegas por transferência de gordura. Seguem infográficos retirados do site Portal de notícias da Globo (G1) sobre os dados numéricos nos últimos anos:

Veja as 15 cirurgias plásticas mais feitas no Brasil em 2015



Fonte: Pesquisa da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética (Isaps)

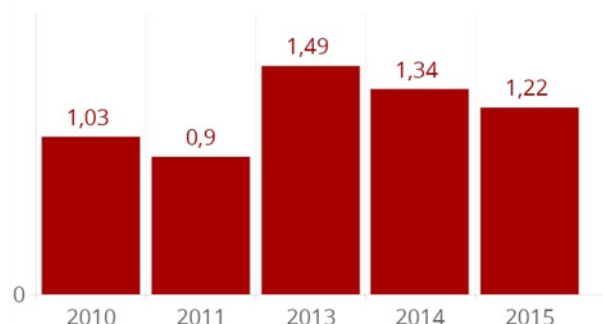


Infográfico elaborado em: 26/8/2016

Figura 1- Dados da Isaps sobre tipos de cirurgia no Brasil.

Cirurgias plásticas no Brasil

Número de cirurgias, em milhão*



FONTE: Pesquisa da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética

*Não há dados disponíveis sobre 2012



Infográfico elaborado em: 26/08/2016

Figura 2 - Dados da Isaps sobre quantidade de cirurgias por ano no Brasil.

Os dados refletem um país em que se tem um alto índice de insatisfação corporal, ainda apontam também procedimentos estéticos que em sua maioria são realizados pela população feminina. O implante de silicone nos seios é o segundo procedimento mais realizado no país e o aumento das nádegas segue em oitavo lugar no *ranking*.

Outro dado que nos chamou atenção foi o número de cirurgias realizadas envolvendo a redução dos lábios da vagina, conhecida como ninfoplastia ou labioplastia. Segundo a Isaps em 2016 o número de casos aumentou de 12.870 para 23.155. O número de cirurgias envolvendo partes do corpo feminino associados à sexualidade também nos fazem refletir que para além dos padrões os corpos são modificados para o olhar do outro, podemos nos referir aqui ao que Le Breton (2016) vai chamar de estética da presença, que tem a função de atrair

olhares, de pertencimento grupal e identidade.

É de nosso interesse aqui aprofundar essa discussão sobre estética e seus elementos que circulam pelo universo de adolescentes mulheres. Para tanto precisamos falar sobre as interpretações sobre a adolescência e sobre as mudanças corporais que acontecem durante esse período.

2.2 OS SIGNIFICADOS DE SER ADOLESCENTE E DA ADOLESCÊNCIA

Em uma análise inicial pode-se dizer que é consenso em diversos autores, como Campagna e Souza (2006), Fonseca (2011) e Diniz (2010), que a adolescência foi apresentada como um período de descobertas, mudanças corporais, como o amadurecimento sexual, e mentais associados a composição da identidade. Essa fase da vida é vista como um período de turbulências, muitas vezes, porque é assim apresentada por peritos ou noticiada nos jornais, nos quais aparece associada a conflitos com a lei ou a gestações indesejadas.

Surge nesse contexto a ideia de que o adolescente é um ser em constante conflito, no entanto de onde partiu essa noção de adolescência? Por que apenas durante esse período estabelecido enfrentaríamos problemas identitários e corporais?

Diniz (2010), com base nas raízes etimológicas da palavra adolescência, nos apresenta a dupla compreensão que tem origem, por um lado, no latim, significa indivíduo apto a crescer, mas por outro tem origem da palavra adoecer. Assim, ser adolescente é ao mesmo tempo ter aptidões para crescer, como também para adoecer. Nos parece que seu significado reforça ainda mais a ideia de um ser que está em crescimento e amadurecimento e que passa por constantes processos de adoecimento para crescer.

Durante os séculos XVII e XVIII com a mudança do contexto social de vida pública para vida privada a família se torna principal responsável pela educação dos jovens e pela preparação para a vida adulta. Acredita-se que foi papel da família burguesa a separação entre as atividades da criança e a dos adultos (BERNI; ROSO, 2014). Para as autoras a definição do período transitório entre infância e adultez data do século XIX e XX, seu surgimento está relacionado à revolução industrial, aos impactos na organização do trabalho e comportamentos reprodutivos. Foi necessário preparar os jovens para o trabalho e para a vida adulta. A Adolescência então ficou marcada como uma fase de dedicação à educação e experimentação da vida. Assim, a necessidade de capacitar os sujeitos para o trabalho adiou a o início da vida reprodutiva. Como apontado pelos autores, a criação dessa fase da vida serviu

a propósitos econômicos.

Foi nesse mesmo período que a adolescência se tornou um tema relevante na para a psicologia, como uma nova categoria de desenvolvimento procuravam-se explicar o novo período, assim como o que esperar ou não dos adolescentes. Essa perspectiva não era tão distante das concepções médicas que apontavam certas mudanças e aquisições físicas, cognitivas e emocionais para essa fase (FONSECA, 2011).

As teorias do desenvolvimento influenciaram a história da psicologia do adolescente, autores como Stanley Hall, Erick Erickson, Jean Piaget e Margaret Mead construíram bases para compreensão da adolescência, aproximando debates sobre sexualidade, moratória social, cognição e a visão sóciohistórica do período (DINIZ, 2010).

Destacamos aqui dois desses autores para dar ênfase ao foco de seus estudos e sua influência na psicologia do adolescente. O primeiro deles Stanley Hall, que é lembrado como precursor dos estudos sobre adolescência com a obra *Adolescence* de 1906. O autor é responsável pela atribuição a esse período como um momento de tormenta ligada à sexualidade latente (DINIZ, 2010).

Em contraposição às visões deterministas da adolescência como momento de crise, Margaret Mead, a partir de seu estudo antropológico da ilha de Samoa, questionou o período da adolescência a partir das relações sociais características de certas culturas (MEAD, 1975). Para ela a adolescência não se resumia a um período de tensões, mas caracterizava-se por um desenvolvimento harmônico de um conjunto de interesses que amadurecem lentamente.

Em seu livro *Adolescência, Sexo e Cultura em Samoa* (1975) ela se questiona se a adolescência é necessariamente um período difícil na vida de um jovem, como explana abaixo:

[...] Si se prueba que la adolescencia no constituye necesariamente un período especialmente difícil 'en la vida de una joven -para lo cual basta hallar cualquier sociedad en la cual ocurra así- entonces, ¿ cómo se explica la presencia de la conmoción y la tensión en las adolescentes norteamericanas? En primer lugar, podemos decir simplemente que debe haber algún factor en las dos civilizaciones que explique la diferencia. Si el mismo adquiere una forma diferente em ambientes distintos, no podemos explicar nada en función del proceso, pues éste es idéntico en ambos casos. Pero el ambiente social es muy diferente y es allí donde debemos buscar una explicación. ¿Qué se da en Samoa que falte en Estados Unidos, qué en Estados Unidos que falte en Samoa, como para explicar esa diferencia? (MEAD, 1975, p.187).

A autora se questiona se as tensões que angustiam os adolescentes nos Estados Unidos

e em Samoa são ligadas a própria natureza ou se devem às ações da civilização em cada uma. Se há diferenças entre essas tensões nos dois lugares não há como explicá-las pelo viés do processo, pois este seria idêntico em ambos os casos.

Os dois exemplos ilustrados acima nos permitem refletir acerca da evolução dos conceitos da psicologia do desenvolvimento, para tanto concordamos com as autoras Berni e Rosso (2014), que nos lembram que os estudiosos que definiram a adolescência como processo natural da vida parecem não valorizar ou esquecer que em todas as fases da vida o ser humano passa por transformações tanto no nível corporal quanto psicológico.

Senna e Dessen (2012) apontam que na última década o foco científico orientado para as tensões e faltas na adolescência começou a ser substituído por uma teoria associada ao desenvolvimento de recursos do indivíduo e do ecossistema, chamada de ponto de vista positivo. Sendo assim, é pretendido sobrepor a visão negativa associada a esse período, que por vezes prevalece na ciência nos campos da psicologia, sociologia e educação.

Esses estudos em desenvolvimento positivo têm ligação com as intervenções feitas em comunidades, por meio de programas dirigidos aos jovens com comportamentos de risco. A promoção desse desenvolvimento positivo depende da identificação dos recursos pessoais. Ao acreditar nas potencialidades dos jovens esse movimento se diferencia da concepção relatada anteriormente de que o adolescente ainda não é competente para algumas funções (SENNA; DESSEN, 2012).

As autoras acreditam que tem se tornado mais frequentes investigações que priorizem essa forma de pensamento, focadas nas qualidades humanas como resiliência, coragem, otimismo, esperança e outras habilidades interpessoais. Esses temas refletem a valorização das forças pessoais e a promoção do bem-estar e da satisfação na vida dos sujeitos.

Manter o foco de análise apenas nas definições biológicas e imaginar o adolescente um ser em amadurecimento, ainda não preparado para a vida adulta, nos remete a pensá-lo como faltoso. Ser adolescente é ter em si uma marca de insuficiência em relação às competências dos adultos, eles não são livres para tomar decisões e são rotulados como incompetentes ou menos competentes a depender da função que forem exercer. Também são vistos como imaturos emocional e biologicamente, menos responsáveis e por não terem trabalho são dependentes financeiramente (ALMEIDA; CUNHA; SANTOS, 2004).

Reforçamos a ideia que para além das mudanças biológicas, a vivência desse período é apreendida de diferentes formas a depender da cultura e contexto social do adolescente. Nós somos seres históricos e culturais e negar a influência desses aspectos sobre as formas de crescer e envelhecer em cada sociedade, além do significado atribuído a isso nos parece

negligenciar boa parte da história do desenvolvimento humano. Sendo assim:

Compartilhamos da compreensão de que a adolescência não pode ser considerada um período natural do desenvolvimento, pois esse é um momento interpretado pela sociedade que marca, destaca e a significa como tal. Não negamos que há um corpo jovem que tem características próprias, que se desenvolve e se modifica, deixando de ser infantil para parecer cada vez mais adulto, mas quando queremos salientar que essas transformações são interpretadas e significadas pelos adultos e pela sociedade como tendo expressão direta sobre a subjetividade daquele que se torna adolescente. Por essa razão, buscamos discutir a adolescência de modo a superar a visão naturalizante e essencialista do desenvolvimento, que determina a rebeldia, os desequilíbrios e instabilidades, lutos e crises de identidades, alterações de humor, necessidade de questionar autoridade e fantasias como características inerentes ao adolescente [...] (DINIZ, 2010, p. 31).

Conforme reforça a autora, não é de nosso interesse negar que o sujeito passa por transformações corporais, maturação sexual e hormonal característicos da idade, nas quais o indivíduo deixa de parecer infantil e se aproxima mais do adulto, contudo o que é pretendido é compreender como essas mudanças são significadas pela sociedade e de como essas significações tem implicações diretas com a subjetividade do adolescente.

A seguir trazemos um pouco dos saberes sobre a adolescência feminina, em primeiro lugar de um ponto de do corpo e suas transformações e em segundo lugar, no próximo capítulo sobre representações sociais e o corpo da mulher.

2.3 SOU FERA, SOU BICHO, SOU ANJO E SOU MULHER: ADOLESCÊNCIA NO CORPO FEMININO

Ao abordar a adolescência no processo de desenvolvimento humano e de construção de concepções acerca da corporeidade, Campagna e Souza (2006) relatam que o período marca intensamente a idealização da imagem corporal. Segundos os autores, no início da adolescência a mulher passa, em um curto espaço de tempo, por uma série de mudanças corporais que têm forte impacto psicológico e social. Eles destacam a autoimagem como sendo profundamente afetada por tais mudanças. “A imagem corporal é a representação mental do próprio corpo” (CAMPAGNA; SOUZA, 2006, p. 11) que vai se desenvolvendo na relação do indivíduo com o grupo e consigo mesmo. Essas relações têm como referência o ideal de corpo valorizado socialmente.

No conhecimento do senso comum já poderíamos destacar algumas mudanças do corpo da mulher durante a adolescência e a puberdade (muitas vezes esses dois momentos são tidos como sinônimos), o desenvolvimento dos órgãos sexuais, o crescimento dos seios, a primeira menstruação, o aparecimento ou aumento dos pelos corporais, o alargamento dos quadris, o corpo toma formas mais voluptuosas e ocorrem mudanças na voz.

Se comparamos as ideias que temos no senso comum com o que é de domínio científico até que a descrição se torna bastante similar. Campagna e Souza (2006) relatam que durante a puberdade a cabeça cresce lentamente em relação ao resto do corpo, a testa se torna mais alta e larga, nariz, boca, lábios e queixo também mudam, enquanto a cintura se desenha os ombros e quadris se alargam, braços e pernas crescem e se definem, há um aumento considerável do peso corporal, os seios se desenvolvem e aparecem os pelos púbico, axilares faciais e nos membros. Também há mudanças internas no sistema digestivo, circulatório, endócrino, respiratório e reprodutor com o crescimento dos ovários e do útero.

Em algumas culturas a chegada da menstruação é um acontecimento social, no qual a mulher recebe o poder, a dádiva, o presente da fertilidade. Quando uma mulher se torna capaz de gerar outro ser, esse acontecimento é compartilhado pelos membros desses grupos (idem, 2006).

Para Braga (2009) o corpo feminino é ao mesmo tempo objeto sexual, acessório de consumo objetificado pelo olhar e pelo discurso dos outros. “A mulher é objeto simbólico das construções dos modos de enunciação de diferentes saberes constituintes da dominação masculina, e o efeito dessa estrutura, coloca-a em um estado perene de insegurança corporal [...]” (BRAGA, 2009).

Para exemplificar o que se tenta debater aqui fizemos uma busca no **yahoo respostas** com o termo adolescência feminina e vemos o que há de mais frequente nos resultados sobre o que mais se procura saber sobre o tema. Esse *site* permite que pessoas troquem informações, não profissionais, no intuito de responder a questões variadas. Entre as 10 primeiras perguntas e respostas aparecem questões relacionadas a hormônios e modelação do corpo, seguem exemplos retirados do site:

PERGUNTAS	RESPOSTAS
	Resposta 1: “A adolescência é uma fase de

“Alguém me pode dizer o que acontece na adolescência feminina? ”	grande mudança!! Nas mulheres, verificam-se muitas mudanças como: Desenvolvimento dos seios; Crescimento de pelos na zona púbica e nas axilas; Adelgamento da cintura, ela fica mais fina; Aparecimento da menstruação; Mudanças a nível de voz; Sua forma de pensar vai mudando; Atração pelo sexo oposto; Início dos pensamentos sexuais; Maior preocupação com a imagem/aparência” Resposta 2: “Seu corpo se transforma. Cria peitos, o quadril fica mais largo, a altura muda, ocorre a primeira menstruação e seu tom de voz também pode mudar. Nem tudo é tão bom quanto parece! Menstruação, por exemplo, se ocorre cedo vc está condenada a ser baixinha. Pelo menos eu acho legal trocar absorvente, mas fede e a cólica dói!”
“Hormônios femininos na adolescência? Alguém já usou hormônios ou conhece alguém que usou em uma faixa de idade entre 13 a 16 anos de idade? Queria criar corpo e não tenho como fazer academia agora, então tive a idéia do hormônio, 2º -faz bem na adolescência? 3º -quais os efeitos colaterais? 4º-como faço pra conseguir? Se tiverem conhecimento em outras coisas que não foram perguntadas, peço que me falem, obrigada desde já ...”	Resposta 1: “Amiga, vamos lá: 1º- Hormônio não serve para criar corpo. 2º- se você é mulher, já produz hormônios femininos naturalmente e não precisa de mais hormônios femininos. Qualquer excesso de hormônios femininos só lhe exporá a riscos de doenças. 3º- Dor de cabeça, dor nos seios, varizes, celulite, risco aumentado para trombose, AVC, infarto do miocárdio e câncer de mama no futuro. 4º- Não faz. 5º- Se valorize e respeite seu tempo de desenvolvimento. ”
“A cintura feminina ela se modela até quantos anos na adolescência? ”	Resposta 1: “Até os 17, 18 anos, seu formato de corpo não muda mais, é este aí. A não ser que vc malhe muito, emagreça, engorde. Mas até essa idade seu corpo já se formou, é este aí.” Resposta 2: “olha, acho que até os 18 que é a fase que começa a ser adultos, nunca prestei atenção

	nisso”.
Será que quando eu não ser mais adolescente e virar adulta meus problemas vão acabar ou vai ser pior ainda? Ser adolescente é mt ruim, acontece mt coisa, crises, tem se acostumar m algumas coisas, e problemas do dia a dia, aprender ser mais responsável, será q quando eu for adulta eu não vou ter mais problemas e minha vida vai ser sem problemas?	Resposta 1: Estou na experiência de transição da fase adolescente para a fase adulta em definitivo, apesar que tenho 20 anos, mas ainda não estou apto a depender apenas dos meus próprios esforços, recebo ajuda dos meus pais e ainda não consegui sair de casa. Falando por pontos, as principais mudanças: Os pais começam a te olhar com mais maturidade, passam a ter mais orgulho das conquistas e tentam fazer você depender cada vez menos deles; As responsabilidades são completamente diferentes, já não se pensa apenas em cumprir os estudos (essa a qual, eu falhei com 16 anos, ao sair do 1º para o 2º ano do ensino médio), os problemas que passam pela cabeça, são mais voltados para área profissional, medo de sempre fazer a mesma coisa, medo de ficar sem dinheiro, de não conseguir montar uma estrutura boa para sair de casa e etc; Se é melhor que a adolescência, eu diria que sim...”

Quadro 1 - Questões frequentes sobre adolescência feminina.

Como discutido anteriormente, as adolescentes têm uma preocupação com a primeira menstruação, o crescimento do corpo e os hormônios que circunscrevem o seu amadurecimento. Muitas vezes as respostas reforçam a ideia de que o momento é cheio de crises, as responsabilidades aumentam, o corpo tem mudanças significativas, a menstruação é dolorosa e de cheiro ruim.

Os discursos também corroboram com o pensamento de que a vida adulta começa após os 18 anos, quando os estudos se encerram no ensino médio. Que os adultos passam a enxerga-los como seres responsáveis a partir desse momento.

Também foi percebido a insegurança em relação ao corpo, o qual não parecia ter se desenvolvido bastante para atingir um padrão estético aceitável, assim a adolescente procura respostas para conseguir atingir o que considera um bom corpo.

Corroborar-se, assim, com a ideia de Le Breton (2016), na qual o corpo é objeto de modificações para o outro, porque é através dele que somos julgados. Na plataforma do *yahoo* as meninas encontram outras que passaram pelos mesmos questionamentos e que julgam poder ajudar de alguma forma com a sua experiência de vida e é através dessas trocas, da comunicação entre grupos e pessoas que pretendemos iniciar a discussão do segundo capítulo.

3 QUEBRANDO ESPELHOS E CONSTRUINDO TEORIAS: INTERLOCUÇÕES COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Neste capítulo iremos abordar os marcos conceituais da TRS, o corpo enquanto objeto de estudo nessa teoria e apresentar os principais resultados de estudos que nos últimos anos têm exposto a temática do corpo e, especificamente, o corpo feminino.

Vamos tentar inicialmente definir a teoria e a representação, assim como os processos que são envolvidos na construção dessa. A expressão Representação Social é, ao mesmo tempo, a denominação da teoria e do objeto por ela estudado, onde a teoria visa compreender o fenômeno de construção de conhecimento a partir do senso comum (SANTOS, 2005). Ainda segundo a autora as teorias do senso comum são conjuntos de conceitos que se originam nas práticas sociais e que dão sentido a realidade social, organizam as comunicações e orientam condutas. Para Arruda (2002) na representação social sujeito e objeto são modificados no processo de elaborar o objeto, nesse processo o sujeito amplia sua categorização e o objeto se acomoda ao repertório do sujeito.

Sousa (2013) destaca o papel da linguagem e trocas comunicativas no processo de construção social da realidade. Para o autor essas trocas exercem um papel privilegiado, as pessoas constroem representações para agir e se comunicar, com a finalidade de tornar algo familiar.

Com isso, necessitamos estar a par das trocas comunicativas, precisamos falar de maneira consensual sobre o mundo e sobre partes dele. Além disso, a ideia de consenso utilizada se refere muito menos a uma homogeneidade nas formas de pensar sobre o mundo do que a uma experiência de compreensão ou inteligibilidade compartilhada [...] A construção de representações sociais, portanto, envolve um processo de inclusão no circuito coletivo das comunicações (SOUSA, 2013, p. 39).

Quando aborda consenso o autor explica que não se trata de um pensamento homogêneo entre as pessoas, mas de uma experiência de compreensão compartilhada.

Também destaca que as representações não são crenças ou simples opiniões, elas são um conjunto articulado e dinâmico de conceitos, são teorias do senso comum. Algumas críticas direcionadas a teoria têm foco sobre o termo representação como se fosse similar a uma reapresentação da realidade, porém ela deve ser compreendida além desses conceitos, elas envolvem a interpretação da realidade.

O conceito de Representação Social surgiu do trabalho de Moscovici, intitulado *La Psychanalyse, son image et son public* (1961/2012), o estudo apresentou como a psicanálise e alguns dos seus vocabulários vieram a fazer parte do conhecimento do senso comum. Para esta relação abordou a imprensa a partir de três sistemas de comunicação: a difusão, a propagação e a propaganda. A difusão é uma forma de comunicação na qual o conteúdo é passado de forma geral e destinada a vários públicos, nela o público é pensado como uniforme. Tem como função difundir uma mensagem rápida, interessante ao público, o qual vai interpretar a mensagem parecendo que ele é quem está decidindo o que pensar da manchete. Isso passa a imagem de um emissor neutro, aquele que somente tem a ideia de comunicar e não dar opinião sobre o assunto. A propagação tem uma comunicação destinada a um grupo específico, tem como função integrar uma informação nova ao sistema de valores do grupo.

Arruda (2002) afirma que Moscovici tomou como base as representações coletivas em Durkheim para dar início a teorização. As quais “Consistiam em um grande guarda-chuva que abrigava crenças, mitos, imagens, e também o idioma, o direito, a religião, as tradições” (p. 134). A teoria das representações sociais (TRS) que surgiu em 1961 teve maior impacto a partir da década de 80.

Dentro da Psicologia Social a TRS aparece em um período em que o as relações e comportamento humano tinham muita influência do Behaviorismo. Posteriormente a Psicologia Social passou a incluir a consciência como parte dos debates e pesquisas sobre atitude, influência social e percepção social.

Para Moscovici o sujeito é construtor de realidade social e é por ela construído. Nessa relação ele busca trazer para debate na pesquisa em psicologia as esferas da cultura e da história, que tinham efeito sobre as relações do sujeito e suas representações (SANTOS, 2005).

Moscovici propõe uma psicossociologia do conhecimento, mas sem desprezar os processos subjetivos e cognitivos. “A pesquisa de Moscovici voltada para fenômenos marcados pelo subjetivo, captados indiretamente, cujo estudo se baseava em metodologias

inabituais na psicologia da época e dependia da interpretação do pesquisador, fugia aos cânones da ciência psicológica normal de então” (ARRUDA, 2002, p. 129).

Para Moscovici (2009), a representação social seria uma forma de conhecimento, de como pessoas comuns tendem a analisar o mundo, mesmo sem o conhecimento e instrumentos científicos. Ainda sobre o seu conceito, afirma-se que toda representação se origina em um sujeito (individual ou coletivo) e se refere a um objeto. Toda representação se refere a um objeto e tem um conteúdo. E o “alguém” que a formula é um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo. Alguns fatores devem ser observados como condições de produção das representações: a cultura, tomada no sentido amplo e no mais restrito, a comunicação e linguagem (intragrupo, entre grupos e de massas), e a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica (ARRUDA, 2002, p. 141-142).

Quando nos referimos ao objeto de representação precisamos adentrar um pouco mais sobre o que ele é e quais suas condições. Sendo assim Sá (1998) aponta que nem todo objeto é passível de representação social, para isto o objeto deve gerar certo desconforto e relações de tensão, ser controverso, possibilitar várias interpretações, ser polêmico, sobretudo coletivo, de práticas sociais. O objeto também deve ter uma relevância cultural, estar implicado nas práticas sociais dos grupos (SÁ, 1998).

O conhecimento do senso comum é elaborado a partir de dois processos: a ancoragem e objetivação:

[...] a ancoragem é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada [...] Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa (MOSCOVICI, 2009, p. 61).

Objetivação diz respeito ao processo em que se torna o não familiar em familiar. “Para começar, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2009, p. 71).

VALA (1993) nos lembra que além da função de organizar e dar significado ao mundo, como descrito acima nos processos de objetivação e ancoragem, as representações também têm função de orientar e de dar significado a comportamentos e ações, assim como de possibilitar categorização e diferenciação intergrupal.

Santos (2005) classifica as funções enquanto função de saber, identitária, de orientação e função justificadora. A primeira nos permite compreender e explicar a realidade, a função identitária nos permite a categorização e comparação social e identificar sentimentos

de pertença grupal. A respeito das duas últimas funções, que estão relacionadas, elas orientam práticas sociais e essas são justificadas e legitimadas.

Para Sousa (2013) a teoria possui uma série de posicionamentos teóricos que muitas vezes divergem entre si, nos quais é necessário destacar alguns aspectos em detrimento de outros a partir da perspectiva abordada. Para tanto é necessário não utilizar a noção de representação social de forma isolada do seu campo teórico, sendo necessário delimitar o que se entende por ela.

Os posicionamentos teóricos aos quais o autor acima se refere são demonstradas com abordagens teórico-metodológicas, que possuem variadas locuções para dar conta de falar do objeto na teoria. A partir da ideia central da TRS se desenvolveram pelo menos três abordagens, a abordagem culturalista de Jodelet, a abordagem estrutural de Abric e a societal de Doise.

As dimensões das representações sociais estão ligadas às informações que os sujeitos possuem sobre um objeto, a estrutura e organização acerca desse conhecimento e das atitudes em relação ao mesmo. São denominadas de dimensão informativa, campo da representação e dimensão atitudinal.

Pretendemos dar ênfase nessa discussão à dimensão atitudinal das representações. O conceito de atitude tem uma ampla discussão na psicologia social e é, segundo Lima (1993), um elo de ligação entre a psicologia individual e a sociologia, na medida em que permite identificar o posicionamento de um indivíduo frente à realidade social. A autora também menciona que as atitudes são fruto da interação social, de processos de comparação, identificação e diferenciação. O conceito de atitude também é organizado a partir dos componentes cognitivo, afetivo e comportamental. Para que se tenha uma atitude em relação a um objeto deve existir uma representação cognitiva do mesmo, uma relação afetiva pró ou contra e um componente comportamental numa lógica com as cognições e afetos ao objeto, na qual o indivíduo tem uma inclinação para ação.

Em representações sociais, assim como ao falar sobre atitudes os conceitos de crenças e normas aparecem como circunscritos no debate, assim como outros temas presentes na essência das relações sociais como identificação e diferenciação grupal. “As atitudes podem funcionar como elementos distintivos, quase emblemáticos de um determinado grupo social [...] As atitudes existem suportadas por crenças que constituem a sua componente cognitiva e racional, é através das crenças, que numa discussão encontramos argumentos para defendermos nossa posição atitudinal” (LIMA, 1993 p. 170 -171).

As normas por sua vez, apontam um conjunto de regras que orientam as ações cotidianas, podendo ser normas explícitas ou implícitas, formais ou informais. Aquelas que dizem respeito ao conjunto de leis prescritivas da sociedade e que o seu descumprimento gera penalidades são normas formais e explícitas. No entanto pretendemos avançar no conjunto daquelas normas que são regras estabelecidas a partir de interações entre os indivíduos, sem imposições ou designadas por uma autoridade, as sanções a quem as descumpre são informais, estas são as normas sociais implícitas (BICCHIERI, 2006, apud FERNÁNDEZ-DOLS, 2012).

3.1 O CORPO COMO OBJETO DE REPRESENTAÇÕES

O corpo é, segundo Jodelet (1984/2015) um tema privilegiado para a teoria das representações sociais. O corpo é, ao mesmo tempo, um objeto biológico e social. Enquanto objeto biológico, ele se transforma profundamente ao longo do desenvolvimento humano. A criança, o adolescente, o adulto e o idoso têm características corporais de sua idade e vivem mudanças corporais que afetam o sujeito do ponto de vista social e psicológico.

Por um lado, enquanto objeto social, o corpo é marcado pelo controle institucional, como o domínio médico, sexual e esportivo. Ele é objeto de controle, de valores e de práticas sociais. O estudo das representações sociais do corpo pode revelar as formas de pensamento social, os valores e ideias sobre saúde, doença, beleza, revelando também as práticas sociais relativas ao corpo. Por outro lado, enquanto, objeto privado ele pode permitir a apreensão das formas de interação social, a imagem corporal e as formas de relação que o sujeito mantém com ele mesmo e o mundo (JODELET, 1984/2015).

De tal modo, para Camargo, Justo e Alves (2011, p. 270) “O corpo pode ser entendido como representante da individualidade, mas igualmente concreto e contextualizado no meio, é, portanto, um objeto relevante para ser tratado no âmbito da Psicologia Social”. Analisar representações de corpo é se debruçar sobre um objeto que também é construído socialmente e que se desenvolve de formas diversas em diferentes culturas e grupos. Justo, Camargo e Alves (2014) refletem sobre os efeitos do contexto ao se estudar representações sociais, o contexto abrange os fatores contingentes a situações de interação, “fazendo que uma mesma representação manifeste-se de modo diferenciado” para os autores o corpo pode estar inserido em diferentes contextos e podem ser ativados elementos de representação a depender na

ênfase sobre o corpo, se na saúde ou na beleza corporal. Sendo assim consideramos importante situar nossa ênfase sobre a estética do corpo feminino.

Quando refletimos acerca do tema lembramos os trabalhos de Jodelet enquanto reveladores no pensar o corpo e as práticas sociais envolvidas: *Imaginaires érotiques de l'hygiène féminine intime: Approche anthropologique* (2007) e *Le sein laitier: plaisir contre pudeur?* (1987). Neles aborda as questões que envolvem aspectos dos cuidados com o corpo feminino a partir da higiene e sexualidade.

A autora justifica o interesse pela higiene feminina uma vez que os cuidados com o corpo da mulher estão circunscritos em uma história de práticas reservadas ao sexo, de domínio religioso sobre a prática e imagem sexual da mulher e seu impacto sobre elas. Em seu artigo *Imaginaires érotiques de l'hygiène féminine intime* aborda questões relativas às práticas de higiene que foram tomando o espaço privado, e o cuidado com a higiene feminina.

Dans le même temps, les modèles diffusés par les médias aidant, le souci de netteté corporelle multipliera des soins et des usages auxquels les femmes s'adonnent par souci de bien-être et de séduction, adhérant plus volontiers que les hommes à ces nouvelles normes qui associent l'attrait de la propreté à l'absence d'odeur et favorisent un plaisir narcissique trouvé dans l'intimité des espaces privés. La mode, tout en diffusant un style unisexe, inspirera une pratique extensive du nu, réduisant les zones de la pudeur et du désir (JODELET, 2007, p. 125).

A preocupação e as práticas com a limpeza do corpo e com os odores se tornam cada vez mais aprimoradas, mais comumente entre mulheres, favorecendo nos espaços privados uma categoria de prazer narcisista (JODELET, 2007).

3.2 O CORPO MAGRO E GORDO EM ESTUDOS RECENTES

As muito feias que me perdoem
 Mas beleza é fundamental. É preciso
 Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
 Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture
 Em tudo isso (ou então
 Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República
 Popular Chinesa).
 Não há meio-termo possível. É preciso
 Que tudo isso seja belo[...]
 (Vinícius de Moraes, Receita de Mulher, 1959).

No que diz respeito às mídias impressas, nos últimos anos desenvolveu-se trabalhos sobre a construção da imagem feminina, de como ela se tornou objeto de poder, de sexualidade, de maternidade e de consumo nas décadas de 1960 a 2000.

É consensual entre os autores que há algumas décadas o corpo da mulher está associado a boas relações pessoais, desenvolvimento profissional e amoroso. Para discutir como o corpo influencia essas relações em pesquisas são analisadas como a imagem feminina foi sendo construída através de publicações de revistas e/ou de Histórias em Quadrinhos (HQs). São exemplos os estudos de Siqueira e Faria (2008), Matos e Lopes (2008), Goetz; Camargo; Bertoldo e Justo (2008), Siqueira e Vieira (2008) e Soares e Barros (2014).

Dentre os estudos apresentados, os resultados demonstraram que as pessoas têm uma grande insatisfação corporal relacionada a beleza física. O corpo idealizado para mulheres é magro e bem definido em curvas, enquanto o corpo do homem deve ter músculos e aparentar força (GOETZ; CAMARGO, 2014). Os autores ainda apresentaram que a obesidade se transformou em objeto de medo e discriminação, que está relacionada a falta de cuidado e de fracasso do sujeito.

Sudo e Luz (2007) e Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004) também encontraram resultados parecidos quanto a obesidade, elas apresentam que o corpo obeso acabou se tornando um corpo desumanizado enquanto o corpo magro passa a ser um símbolo de felicidade.

A cultura contemporânea valoriza tanto a magreza, legitimada principalmente pelo discurso da biomedicina, que transforma a gordura em um símbolo de falência moral, com sérias consequências para a subjetividade dos que não se adaptam a esse ideal de corpo. Para muitos desses, a norma que os atira ao gueto de uma repulsa geral torna-se um peso, na alma, um refluxo sobre si mesmo de um corpo recusado (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004, p. 88).

A magreza é cultuada e proclamada em nossa cultura, ela aparece em capas de revistas, em telenovelas, em propagandas de academias. Há que se pensar que numa sociedade em que se valoriza a “gordura zero”, os distúrbios alimentares como anorexia, bulimia e os distúrbios de imagem vão se tornando cada vez mais frequentes. O modelo de beleza do século, que é firmado no corpo esguio e esbelto, determina práticas alimentares correspondentes (TEO, 2010).

O autor sugere que esses ideais impõem tipos de reformas alimentares tidas como *light*, dietas leves, associadas ao discurso do especialista e socioestético (a força da imagem de quem fala). Faz-se uma comparação entre pessoas bem-sucedidas que seguem uma alimentação saudável, com saladas e frutas, enquanto os trabalhadores braçais se alimentam de arroz, feijão, massas e pães (TEO, 2010).

Os discursos do especialista e o discurso socioestético está na base da ancoragem das representações sobre o corpo feminino, o autor apresenta exemplos da propagação dessas informações ao analisar revistas sobre a alimentação.

[...] Na edição de outubro, mais uma vez o emagrecimento aparece como condição para a beleza e a boa forma: *Paola Oliveira: 6 kg mais magra e supersarada - cardápio + treino*. [...] Os demais títulos apresentados nas matérias de capa do ano de 2007 foram: "Alinne Moraes ainda mais feminina depois de se apaixonar pelo balé" (fevereiro), "Isis Valverde: essa gata vai arrasar na novela das 8" (março), "Casar engorda? Camila Rodrigues prova que não" (abril), "Grazi, agora em versão Boa Forma" (maio), "Íris e Alemão: ela se transformou para conquistar a fama e o coração deste gato" (junho) e "Claudia Raia, 40 anos, músculos desenhados, energia sem fim" (setembro). Vê-se que todos os títulos, associados à imagem da capa, e a exemplo dos anteriormente mencionados, trazem as mesmas mensagens: sensualidade, emagrecimento ou manutenção de um peso idealizado, a eterna e fantasiosa boa forma associada à beleza, à magreza e ao sucesso (p. 337).

Para os dois resultados do corpo, o responsável pelo sucesso ou pelo fracasso é do próprio sujeito. É como se a mídia oferecesse todos os recursos que precisamos para conseguir emagrecer, até mesmo se não precisarmos, e o futuro do seu corpo é de sua responsabilidade. Para isso apresentam remédios, exercícios, cirurgias, motivações e o que servir de método para justificar que os expectadores estão acima do peso ou vivendo de forma não saudável, que é necessário abandonar comidas, estilos sedentários e até más companhias engordativas (SUDO; LUZ, 2007).

Goetz et al. (2008) também notou alguns aspectos de convencimento do público de algumas revistas tais como o embelezamento por meio de cirurgias, tratamentos estéticos, com ênfase em cosméticos, lipoaspiração e implante de silicones para adiar o envelhecimento e manter-se bela, outro aspecto diz respeito a prática de exercícios.

3.3 REFLETINDO SOBRE O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Uma busca realizada nas bibliotecas virtuais Scielo, Biblioteca virtual de Saúde (BVS) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePsic) e no Portal de periódicos CAPES, com os descritores corpo e representações sociais, sem preferência de ano e abrangendo todas as áreas do conhecimento, obteve um total de 505 trabalhos, dos quais 84 estavam na Scielo, 215 na BVS e PePsic (a segunda está incluída dentro da primeira) e 206 na CAPES. As publicações eram do tipo artigos, dissertações e teses, datadas desde a década de 1990 e, em sua maioria, eram estudos nas áreas de saúde.

Os trabalhos se inseriam nas áreas de nutrição, enfermagem, esportes e educação física, psicologia, estudos de gênero e feminismos, história e outras áreas de ciências humanas como comunicação, mídia e consumo.

A partir dos resultados brutos e da leitura dos resumos, foram excluídos os trabalhos que não faziam referência à teoria das representações sociais e/ou aqueles nos quais a palavra corpo tinha o sentido diferente daquele que era o foco do nosso interesse, como, por exemplo, em expressões como corpo docente, corpo de bombeiro, etc. Assim, obedecendo aos critérios estabelecidos previamente, reduzimos às produções aos anos de 2005 a 2017.

Ao utilizar esses critérios de inclusão e de exclusão, obtivemos um corpus formado por 40 resumos de estudos que foram categorizados quanto ao ano, área de produção, presença da palavra corpo no título e tipo de trabalho (artigo, dissertação ou tese). Para a análise dos dados utilizamos o software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), um software gratuito no qual é possível fazer análise textual no tratamento do material transcrito e tem como finalidade a análise de textos, documentos, entrevistas e redações.

O Software permite vários tipos de análise, mas para este levantamento foi realizada apenas classificação hierárquica descendente (CHD). Que segundo Camargo e Justo (2013), é um método proposto por Reinert (1990) que classifica segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários e produz classes de Unidades de contexto elementar (UCE) com base na frequência do vocabulário, nessas unidades aparecem vocabulários semelhantes entre si e diferentes das outras classes. De 242 segmentos de texto o número de 123 deles foram classificados, correspondendo a 50.83% do material classificado.

O dendrograma produzido pela CHD (Fig. 4) permitiu a visualização de seis classes distribuídas em três agrupamentos. O primeiro comportando as classes 5 e 6 foi nomeado de Saúde e doença, autocuidado e estigma que reuniu as pesquisas que tratavam do impacto da saúde e da doença sobre o corpo, suas marcas, o estigma produzido e o cuidado individual

necessário à manutenção da saúde. O segundo eixo, denominado de Corpo feminino, padrões e mídia, englobou as classes 2, 3, e 1, reunindo as pesquisas que focalizavam o corpo feminino e o papel da mídia na discussão sobre o corpo ideal. E, por fim, a classe 4 que reunia os discursos relativos aos métodos de pesquisa utilizados. Os agrupamentos reúnem os conteúdos que se assemelham e se diferenciam. As palavras mais frequentes dentro de uma classe aparecem em primeiro lugar no dendrograma.

Saúde e Doença, Autocuidado e Estigma	Classe 4: Metodologias de	Corpo feminino, padrões e mídia
---------------------------------------	---------------------------	---------------------------------

Figura 3 - Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

Classe 6: Estigmas e Autocuidado		Classe 5: Marcas corporais das doenças		Pesquisa		Classe 1: Mídia na relação gordo/magro		Classe 2: Construção do corpo feminino na mídia		Classe 3: Gênero e corpo feminino	
21,10%		21,90%		21,10%		12,20%		12,20%		11,40%	
Palavra	x ²	Palavra	x ²	Palavra	x ²	Palavra	x ²	Palavra	x ²	Palavra	x ²
Ação	23,53	próprio	16,71	dado	31,92	gordo	31,52	feminino	33,97	discutir	40,58
Pessoa	22,6	também	14,7	utilizar	30,86	revista	25,96	século	29,77	procurar	23,94
Peso	19,44	sexual	14,7	questionário	27,69	representações sociais	24,85	início	29,77	monstro	23,94
Problema	19,44	processo	10,93	coleta	15,42	objetivo	24,32	contribuir	15,23	gênero	19,11
Estigma	15,42	verificar	10,93	participar	14,89	mídia	22,14	discurso	14	produzir	18,59
Autocuidado	15,42	ainda	6,79	estética	14,64	impresso	22,14	revista	12,75	maneira	9,32
Perda	15,42	possível	6,79	corporal	14,64	semanal	22,14	década	11,12	determinado	9,32
Obesidade	15,42	associar	6,79	estudante	14,23	analisar	15,23	corpo feminino	9,43	relação	8,16
Hanseníase	15,42	representação	6,46	universitário	11,47	através	11,12	tratar	8,52	representação	7,42
Adolescente	14,64	relação	6,09	prático	11,47	investigar	8,52	publicidade	8,52	corpo feminino	4,64
Mais	12,29	contexto	5,37	observar	11,26	veicular	8,52	permitir	8,52	partir	4,63
Educativo	11,47	não	4,97	sexo	10,83	sinônimo	8,52	comum	8,52	referencial	4,23
Desestruturação	11,47	representar	4,4	representações sociais	10,26	período	8,52	brasil	8,52	corpo	4
Considerar	11,26	partir	4,03	idade	7,84	campo	8,52	produto	8,52		
Importante	10,83			aplicar	7,2	matéria	8,52	saudável	8,42		
Vida	8,78			cuidado	7,2	legitimar	8,52	teórico	5,52		
Indivíduo	7,84			estudo	6,87	circulação	8,52				
Apontar	7,2			homem	5,77	buscar	5,52				
imagem corporal	6,64			realizar	4,81	conceito	5,52				
Doença	5,77			corpo	4,29	cultura	5,52				
Publico	4,72					destacar	5,52				

3.3.1 O corpo como foco do processo de saúde e doença.

No eixo em que estão presentes as classes 5 e 6 notamos que a produção de trabalhos reúne as pesquisas sobre saúde e doença associadas à ideia do autocuidado, da responsabilização do indivíduo pelo seu corpo e do estigma que se carrega quando o corpo adocece. Esse eixo engloba aproximadamente 43% de todo o material analisado.

As palavras mais frequentes da Classe 6 (UCE 21,1%) são: ação, pessoa, peso, problema, estigma, autocuidado, perda, obesidade, hanseníase, adolescente, mais, Educativo, Desestruturação (Figura 4). Essa classe traz como temas centrais o autocuidado e os estigmas.

Identificamos o adoecimento enquanto reestruturador da imagem ou identidade corporal do indivíduo. As pessoas têm representações tanto da sua doença quanto do adoecer, elas atribuem um sentido ao que lhes acontece, e o espaço que a doença ocupa na vida e no corpo delas depende desse significado (BATISTA; VIEIRA; PAULA, 2014).

[...] o significado de emagrecer e possuir um corpo magro para as mesmas pesquisas exploratória de corte qualitativo que busca as representações sociais das adolescentes que fazem parte do programa de atividades ao paciente obeso um programa multidisciplinar que visa a mudança de comportamento para melhora na qualidade de vida e consequente perda de peso. [...] As adolescentes quase na sua totalidade apontam que alimentação errada maus hábitos em casa e emoções negativas levam a compulsão por comida sendo fatores determinantes para o acúmulo de peso (PEREIRA, 2011)

[...] que pode decorrer tanto da perda de sensibilidade cutânea como da deformidade advindas da doença se infere que essa desestruturação da imagem corporal dificulta a aderência ao autocuidado e a sociabilização dessas pessoas aumentando o estigma da hanseníase. [...] que pode ser justificada dentre outros motivos pela desestruturação de sua imagem corporal e pelo estigma advindo das representações sociais do corpo leproso sendo assim se acredita na importância de ampliar o discurso tecnicista nas ações educativas em autocuidado (BATISTA; VIEIRA; PAULA, 2014).

A classe 5 (Marcas corporais da doença) reúne cerca de 21,1% de todo o material analisado. As palavras que mais frequentes são: próprio, sexual, associar, contexto, relação, representar, paciente, idoso, dificuldade.

Assim este estudo tem como objetivo verificar a representação do próprio corpo em indivíduos com deficiência física especificamente com paraplegia não congênita participaram do trabalho dois adultos jovens do sexo masculino [...] os resultados indicaram que os participantes vivem um conflito sexual representado pela divisão do corpo em zonas do tronco superior e inferior [...] se observou ainda o surgimento de mecanismos defensivos para minimizar suas dificuldades diante do próprio corpo no que se refere a imagem corporal esta parece alterada e permeada por sentimentos de falta de confiança em si nostalgia (CAMPOS; AVOGLIA; CUSTÓDIO, 20017).

No caso de algumas deficiências físicas, as limitações do adoecimento e tratamento favorecem o pensamento de perda da masculinidade, pois se contrapõe a um modelo hegemônico de pensá-la. Esse tipo de crença está ancorado no conceito de funções sociais, a força masculina diminuída pelo adoecimento torna o homem menos homem (MARTINS, 2015).

Observou-se, ainda, que a imagem corporal nesses episódios é circunscrita pela falta de confiança em si, sentimentos de nostalgia, e expectativa de obter aprovação social. Os indivíduos acabam estabelecendo mecanismos de defesa para lidar com as dificuldades do próprio corpo (CAMPOS; AVOGLIA; CUSTÓDIO, 2007).

Se verificou entre os idosos uma representação do corpo como sinônimo de saúde ancorada numa perspectiva orgânica das mudanças corporais advindas do processo de envelhecimento [...] se identificou que a maioria dos homens adota uma certa impessoalidade com relação ao corpo que não envolve aspectos de autoestima e que resume a simbologia do corpo aos fatores ligados à saúde consequência da forma contraproducente de valorização do corpo no contexto psicossocial (LUDGLEYDSON; SÁ; AMARAL, 2011).

As questões da deficiência física, do envelhecimento e das perdas causadas pelas doenças, sobretudo aquelas relativas à sexualidade são o foco das pesquisas dessa classe. Elas discutem o impacto do pensamento social sobre o indivíduo. O foco da análise sobre o indivíduo faz ressaltar a discussão sobre mecanismos de defesa, problemas de autoestima e responsabilização do indivíduo para o cuidado com a saúde. É interessante observar que os problemas relativos a determinadas doenças são aqui analisados como problemas sociais que têm impacto sobre o sujeito. As saídas para esses problemas, entretanto, são discutidas de forma individual.

Por exemplo, parece ser dever do idoso zelar por um bom envelhecimento e as cartilhas do ministério da saúde com orientações de como levar a vida nessa idade são exemplos. Para isso eles precisam se envolver em atividades para evitar o mau

envelhecimento, seguindo um estilo de vida saudável, tanto na parte física quanto na psicológica (COUTINHO; TOMAZETI; ACOSTA, 2013).

3.3.2 *Corpo feminino, padrões e mídia.*

Gênero e corpo feminino: A classe 3, denominada Gênero e corpo feminino incluiu 11,4% de UCE do material analisado. Nela aparecem com maior frequência as palavras: discutir, procurar, monstro, gênero, produzir, maneira, determinado, relação, representação, corpo feminino. Essa classe reúne as pesquisas que discutem os padrões de beleza relativos ao corpo feminino.

Observa-se nos trechos abaixo a presença dos padrões para o corpo feminino, a partir de publicidades e histórias em quadrinhos:

De comportadas a sedutoras representações da mulher nos quadrinhos buscamos discutir neste artigo representações do corpo feminino em histórias em quadrinhos as forças sociais e as relações de poder que as alimentam. Para tal selecionamos três narrativas do gênero graças à forma particular como representam a mulher os catecismos do brasileiro carlos_zéfiro a partir do final da década de 1940 as aventuras de valentina do italiano guido_crepax anos 1950 (SIQUEIRA; VIEIRA, 2008).

Ficou evidenciado neste estudo que as representações de corpo feminino produzidas e veiculadas nos meios de comunicação de massa interpelam e produzem nas mulheres pesquisadas o desejo de ser de determinada maneira de se reconhecer e de pensar de determinado jeito e ter vontade de consumir certos produtos (SILVA, 2007).

Acreditando que o pensamento social que as mulheres partilham sobre o corpo feminino se relaciona com a procura pelas estratégias de conformação aos padrões de corpo na atualidade se objetivou com esta pesquisa[...]atualmente se percebe a construção de elementos de coerção e controle sociais que agem na direção da conformação do corpo a um modelo (ALMEIDA, 2010).

Para Conti et al. (2009) a insatisfação corporal atinge tanto homens quanto mulheres, mas talvez entre as mulheres devemos dispor de mais atenção, uma vez que essas são mais dispostas a tomar decisões quanto a isso. Os artigos chamam a atenção de que os comportamentos ligados à mudança corporal podem provocar distúrbios alimentares e de imagem.

A relação do corpo e mídia: As classes 1 e 2 compõem um conjunto próximo pelas semelhanças de discursos, aqui nomeado de o corpo na mídia. Juntas elas agrupam 24,4% das UCE, das quais 12,2% da classe 1 e 12,2% da classe 2.

As palavras de maior frequência na classe 1 (Mídia na relação gordo/magro) são: gordo, revista, representações sociais, objectivo, mídia, impresso, semanal, analisar. Enquanto as da classe 2 são: Feminino, Século, Início, Contribuir, Discurso, Revista, Década, Corpo feminino, Tratar, Publicidade.

Para Camargo et al. (2011) a mídia exerce uma popularização de conhecimentos, tanto a níveis científicos quanto de senso comum, assim essa veiculação de informações também contribui para a construção de representações sociais.

Em alguns segmentos de textos da classe 1 nota-se a preocupação em identificar o que se tem como representação do corpo sadio e normal a partir dos ideais estéticos de magreza.

O presente estudo teve como objetivo investigar as representações sociais do corpo veiculadas pela mídia impressa em revistas de circulação nacional (GOETZ; CAMARGO; BERTOLDO; JUSTO, 2008).

[...] nas revistas veja e istoé entre os anos de 1997 e 2002 buscamos através da análise bibliográfica em conjunto com o material de campo refletir sobre as representações sociais sobre o ser gordo na atualidade (SUDO; LUZ, 2018).

[...] o gordo ao violar a norma social vigente se torna um paradigma estético negativo em contrapartida o corpo magro é tido como saudável é valorizado e desejado acabando por se transformar em um símbolo da própria felicidade (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004).

Ainda sobre a preocupação com os ideais estéticos, Conti (2009) relata que as jovens que não o atingem recusam seus corpos, e a sociedade de consumo traz o problema e uma saída para este, investimento em mudanças radicais na alimentação e no físico corporal. O corpo é investido de um valor simbólico, que confere prestígio ao indivíduo dentro da norma e exclusão social àqueles que não se adequam às normas estéticas vigentes.

Na classe 2, que nomeamos a construção do corpo feminino na mídia, encontram-se os principais segmentos que relatam estudos do discurso publicitário e midiático sobre o corpo da mulher em diferentes fontes de dados:

[...] as propagandas da revista feminina 1914 a 1936 a invenção do mito da beleza (SOARES; BARROS, 2014).

[...] com o fito de satisfazer novos desejos femininos por meio de novos produtos esses anúncios permitem uma análise histórica das representações da mulher moderna principalmente da emergência de um novo corpo feminino. o presente artigo trata da mudança nas representações do feminino na década de 1930 com base na publicidade da revista de maior circulação no rio_grande_do_sul (SCHOSSLER; CORREA, 2011).

Os discursos e a construção do senso comum sobre alimentação a partir de uma revista feminina diversos elementos contribuem para a construção do senso comum sobre alimentação com impacto na saúde das populações. (TEO, 2010).

O mito da beleza gera a preocupação com um padrão quase inalcançável, o culto ao corpo aparece como condição para manutenção da saúde. Utilizam desse discurso academias, centros estéticos, nutricionistas entre outros profissionais, e esse pensamento acaba condicionando a manutenção de representações de corpos ideais (SIQUEIRA; VIEIRA, 2008).

Camargo et al. (2011) apontam que estar fora desses padrões leva muitas vezes os indivíduos a buscarem sacrifícios por meio de mudanças alimentares, prática de exercícios, muitas vezes sem a orientação de um profissional, podendo acarretar sérios problemas de saúde e até a morte.

3.3.3 A questão metodológica

A classe 4, denominada metodologias de pesquisa, reúne 21,1% das U.C.E e apresenta metodologias principais características metodológicas das pesquisas analisadas: público alvo, tipos de estudo, formas de análise são aqui reunidas e se traduzem nas UCE: Dado, Utilizar, Questionário, Coleta, Participar, Participante, Estética, Corporal, Estudante, Universitário.

São destacados os tipos de estudo, o tipo de análise de entrevistas, técnicas de coleta de dados, assim como os participantes da pesquisa.

[...] os participantes assistiram a vídeos manipulação do contexto se realizou grupo_focal e se aplicou questionário a análise envolveu estatística descritiva testes de associação e multivariados resultados indicam que a saúde estrutura a rs mas junto aos demais elementos emergem rs diferentes em função do contexto[...] entre estudantes de diferentes cursos universitários participaram 278 acadêmicas dos cursos de psicologia educação física e moda se aplicou um questionário para investigar a imagem e satisfação corporal além das representações_sociais do corpo. (JUSTO; CAMARGO; ALVES, 2014).

Este estudo objetivou conhecer as representações sociais do corpo na perspectiva de homens idosos piauienses participaram 50 homens com idade igual ou superior a 60 anos com média de idade de 72 anos [...] se utilizou como instrumento um questionário sociodemográfico e uma entrevista estruturada com uma questão norteadora acerca das mudanças corporais a análise dos dados foi realizada por meio do software de análise quantitativa de dados textuais alceste (LUDGLEYSON; SÁ; AMARAL, 2011).

Entre os trabalhos analisados percebemos a pesquisa qualitativa como o tipo mais frequente de pesquisa realizada, um deles apresentou estudo quase experimental identificando variável independentes e variáveis dependentes, realizado por Justo, Camargo e Alves (2014). Dentre as principais técnicas e tipos de materiais utilizados para coleta de dados estavam as entrevistas (estruturada e semiestruturada), história de vida, grupo focal, aplicação de testes (figura humana), questionários, associação livre. Para análise dos dados: análise de conteúdo e análise lexical de conjuntos de segmentos de texto.

Observa-se que os estudos sobre representações sociais e corpo limitam-se a algumas técnicas qualitativas e exploram pouco, do ponto de vista metodológico, as possibilidades oferecidas pela teoria das representações sociais, como, por exemplo, o estudo dos elementos icônicos das representações sociais do corpo, estudos experimentais ou quase-experimentais estão praticamente ausentes.

Outra questão que nos chamou a atenção diz respeito ao público alvo das investigações que, em sua maioria, se debruçou sobre adolescentes e jovens universitários, da zona urbana de grandes cidades, entre quais o maior número foi de mulheres. Em poucos trabalhos aparecem idosos e homens. Em apenas um trabalho dos analisados teve como público a população do interior do estado.

As representações sociais de adolescência como fase de grandes mudanças corporais parecem induzir os pesquisadores a se debruçarem sobre esses sujeitos com maior frequência sem focalizar em outras mudanças corporais típicas do desenvolvimento humano, como aquelas relativas ao envelhecimento e à gravidez, por exemplo. Os trabalhos com a temática do corpo seguem um padrão de investigações, associados à estética, ideal de beleza e consumo e tendo o público de mulheres e adolescentes como principal foco desses temas. Também, o bem-estar do corpo aparece associado à boa estética, a uma aparência física. Assim quando os estudos investigavam os problemas de saúde ligados a câncer, hanseníase, paralisia de membros esboçavam a insatisfação dos sujeitos com os efeitos da doença no corpo.

Com esses resultados nos perguntamos: Quais as ideias de estética corporal construídas por adolescentes do interior? Quais as atitudes relativas à estética corporal e como fazem para atingir esse ideal? Existem semelhanças e diferenças nessas representações sociais entre adolescentes do interior e das grandes cidades?

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a dimensão atitudinal das representações sociais da estética do corpo e as práticas de cuidado entre adolescentes mulheres do interior do Ceará.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os padrões de estética corporal valorizados pelas adolescentes;
- Identificar a satisfação ou insatisfação com relação aos seus corpos;
- Identificar as práticas de cuidado com o corpo entre as adolescentes.

5 MÉTODO

A pesquisa teve abordagem qualitativa de natureza exploratória e foi realizada através de uma pesquisa de campo com entrevistas. Participaram das entrevistas 20 adolescentes do sexo feminino, com idade entre 15 e 18 anos, estudantes de escolas públicas da rede estadual e residentes do interior do Ceará, na mesorregião do Cariri. As entrevistas tiveram duração em média de 10 minutos cada e foram realizadas na escola das participantes.

A amostra reuniu doze entrevistadas de 16 anos, três de 15 e quatro de 17 anos e uma de 18 anos. Todas eram estudantes de escola pública e cursavam entre o primeiro e o terceiro ano do ensino médio. Embora não tenha tido uma questão no roteiro da entrevista sobre a identidade étnica/racial, das vinte entrevistadas oito se autodeclararam negras no curso da entrevista. Inicialmente o foco da pesquisa estava voltado à população rural, contudo com o acesso às escolas de ensino médio percebemos que elas se localizavam dentro da zona urbana, tornando esses meios intercambiáveis. Mesmo assim as entrevistas foram realizadas com estudantes que residiam na zona rural e estudavam fora dela.

A cidade de Juazeiro do Norte Ceará, foi escolhida como local de pesquisa por permitir a pesquisadora ter uma rede de contatos que facilitou a aproximação e autorização para realizar a pesquisa. Com a Carta de Anuência para autorização de Dados da 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento e Educação do Estado do Ceará, a pesquisadora teve acesso às escolas estaduais presentes na região para encontrar os sujeitos que participaram da pesquisa.

Em relação às questões éticas da pesquisa é importante ressaltar que o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco e a pesquisa teve início após a aprovação. Todos os sujeitos assinaram o termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), antes da realização da entrevista. Para aqueles sujeitos que tivessem menos de 18 anos foi solicitada a assinatura do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) dos pais ou responsáveis. Foi disponibilizado uma cópia do TCLE e do TALE para

cada participante, como também foi informado do direito de desistirem da pesquisa a qualquer momento. Questões éticas como direito ao sigilo das informações foram discutidas antes das entrevistas, outras informações também foram passadas de acordo com as dúvidas das participantes.

Na escola foi disponibilizada uma sala fechada que só foi utilizada pela entrevistadora, para a realização das entrevistas de forma individualizada. As entrevistas aconteceram em seis dias distribuídos em 3 semanas, após a autorização dos responsáveis. Caso alguma das entrevistadas se sentisse desconfortável com a pesquisa ou necessitasse de algum tipo de apoio durante o processo de pesquisa a entrevistadora se dispunha a encerrar a entrevista e encaminhá-la para algum serviço de psicologia se fosse necessário.

Também foi informado que para análise das entrevistas e publicação da pesquisa cada participante receberia um nome fictício por questões éticas de sigilo e segurança. Posteriormente por decisão da autora foram escolhidos nomes de personagens femininas de animações do cinema.

5.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Sobre a coleta de dados uma das primeiras dificuldades encontradas foi reunir número de entrevistadas suficiente no primeiro ambiente escolar. Assim fomos direcionados a outra escola da região, contudo durante esse período os professores da rede estadual estavam em greve e precisamos esperar algum tempo até que as aulas retomassem. Na segunda escola visitada conseguimos o apoio da direção e dos professores para realizar a pesquisa durante o horário das aulas, uma vez que havia um horário de saída da escola e do transporte que conduzia as participantes para casa.

Outra dificuldade encontrada se refere aos processos exigidos pelo Comitê de ética no que se refere à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os responsáveis pelas participantes se sentiram inseguros em assinar papéis e disponibilizar número de documentos para prosseguir com as entrevistas. Também se sentiram receosos quanto à pesquisa sobre corpo pensando no apelo à sexualidade. O lugar de psicóloga, pensado como avaliadora, também contribuiu com a insegurança dos responsáveis e das participantes.

Esclarecidas as dúvidas e superados esses momentos citados as entrevistas começaram. Para iniciar a entrevista havia um material de fotografias com 17 imagens de

mulheres que foram retiradas do *google*, a escolha dessas imagens foi feita elegendo uma variedade de estéticas corporais femininas. As adolescentes deveriam escolher entre as imagens os corpos que mais as agradavam e desagradavam. Depois desse exercício eram convidadas a refletir sobre as escolhas e sobre outros aspectos de satisfação corporal e de cuidado com o próprio corpo.

5.2 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo temática, que consiste em agrupar dados a partir da semelhança de conteúdo entre eles. Na análise convém classificar as unidades de significação criando categorias, introduzindo uma ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna (BARDIN, 2011).

As entrevistas foram transcritas e analisadas segundo análise categorial buscando os conteúdos significativos e agrupando-os por temas. Nessa perspectiva, os conteúdos semelhantes das entrevistas foram agrupados em categorias e subcategorias, possibilitando a análise quatro categorias de respostas que foram assim denominadas: o corpo ideal, o corpo rejeitado, o corpo modificado e as práticas de cuidado do corpo.

6 RESULTADOS: “NEM MUITO MAGRA, NEM MUITO GORDA”

*My mama told me when I was young
We are all born superstars
She rolled my hair and put my lipstick on
In the glass of her boudoir
'There's nothin' wrong with lovin' who you are'
She said, 'cause he made you perfect, babe'
'So hold your head up girl and you'll go far
Listen to me when I say'
I'm beautiful in my way
(Born This Way, Lady Gaga, 2011).*

Nesse capítulo são discutidos os resultados do estudo sobre o corpo da mulher a partir das entrevistas realizadas com adolescentes. Apresentamos abaixo as imagens com maior frequência nas escolhas, tanto em primeiras colocações quanto as últimas escolhidas. A figura 5 foi colocada em primeiro lugar oito vezes e em segundo lugar duas vezes, a figura 6 apareceu três vezes em primeiro lugar e em segundo duas vezes e a figura 7 apareceu em primeiro lugar quatro vezes e em segundo lugar cinco vezes.



Figura 5 – imagem de pesquisa



Figura 6 – imagem de pesquisa



Figura 7- imagem de pesquisa

FIGURA/ COLOCAÇÃO	1º	2º	3º	TOTAL
FIGURA 5	8	2	3	13
FIGURA 6	3	2	3	9
FIGURA 7	4	5	1	10

Quadro 2 – Maior frequência entre as melhores

Ao serem solicitadas que escolhessem entre as fotografias apresentadas aquela que representava o melhor corpo, a foto de uma mulher negra, magra e de cabelos cacheados (figura 5) foi a que recebeu um maior número de indicações como primeira escolha (8 vezes) e metade das jovens entrevistadas indicaram a mesma fotografia entre as três fotos que consideraram representar o melhor corpo.

Percebeu-se que a maior frequência entre as três primeiras escolhas foi da figura 5, mulher negra, enquanto a segunda preferência recai sobre a figura 7, mulher branca. O peso e a forma do corpo são mais semelhantes entre as duas imagens do que em relação à que ficou em terceiro lugar.

Entre os corpos rejeitados a figura 9 apareceu quatro vezes em último lugar e três vezes em penúltimo, a figura 12 apareceu quatro vezes em último lugar e três em penúltimo e a figura 11 apareceu 2 vezes em último lugar e quatro em penúltimo, as figuras no anexo 2 de corpos com deficiência e com marcas apareceram uma ou duas vezes nas duas últimas posições (As figuras serão repetidas no relato das categorias mais adiante).



Figura 9- imagem de pesquisa



Figura 11- imagem de pesquisa



Figura 12 - imagem de pesquisa

FIGURA/ COLOCAÇÃO	15º	16º	17º	TOTAL
FIGURA 9	3	3	4	10
FIGURA 11	1	4	2	7
FIGURA 12	0	4	2	6

Quadro 3 – Maior frequência entre as piores

Com a transcrição das entrevistas e refletindo sobre elas a partir da análise de conteúdo organizamos os dados em 4 categorias principais: O corpo ideal, O corpo rejeitado, O corpo modificado e Práticas de cuidado do corpo. Essas categorias representam os temas de discursos presentes no contexto da pesquisa, contudo em cada categoria foram identificadas variações que permitiram a criação de subcategorias, apresentadas na figura 5.

A primeira categoria, O corpo ideal, peso e forma, reúne as principais falas e trechos em que os temas de peso e forma do corpo e a cor da pele, assim como a dos cabelos, esteve presente na justificativa das adolescentes para escolha dos melhores corpos. A segunda categoria, o corpo rejeitado, foi dividida em quatro subcategorias. Dentre as escolhas para os piores corpos identificamos temas centrais nas falas que envolviam também o peso, dentro do tema excessos no corpo, a idade dentro da subcategoria o corpo envelhecido, marcas corporais

e deficiências presentes na subcategoria o corpo estranho, e o excesso de atividades físicas e masculinização do corpo feminino dentro da subcategoria o corpo musculoso. Na terceira categoria, o corpo modificado, discute-se a aceitação do corpo versus a sua modificação a partir das subcategorias cirurgias estéticas e manutenção do corpo. Por fim, na última categoria, práticas de cuidado do corpo os principais temas são a prática de exercícios, o controle da alimentação e os cuidados estéticos faciais.

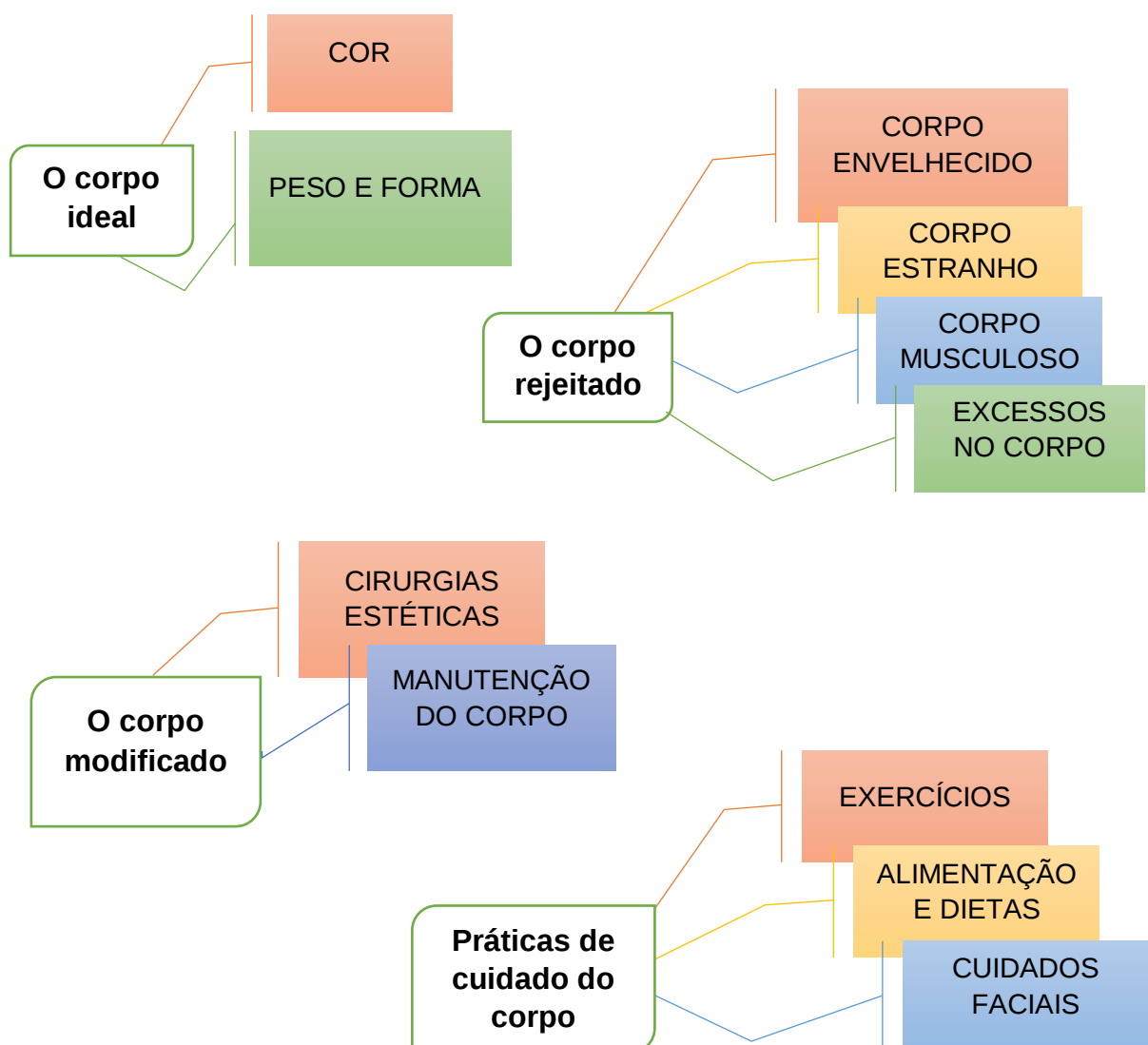


Figura 4. Categorias de análise do conteúdo temático

6.1 O CORPO IDEAL: COR, PESO E FORMA

O corpo ideal é objetivado na maioria dos discursos como um corpo “nem tão magro, nem tão gordo” (Ariel). Aquele com a barriga ou cintura definidas, “O corpinho definido. A cintura bem definida” (Mulan). Como já sinalizado por Goetz e Camargo (2014) o corpo tido como ideal para mulheres é magro e curvilíneo.

Barriga, eu gosto da barriga. Nem muito magra, nem muito gorda. (Ariel)

Que ela assim, não tem o corpo nem tão magro, também não é nem tão gordo. As pernas malhadas são bonitas. (Rapunzel)

Porque o corpo dessa é bem feito, ela não é gorda e nem é magra. (Tiana)

Não é nem tão gorda e nem tão magra, é padrão. E a segunda É bem definida. A cintura fina. (Merida)

As coxas, são bem feitas. A barriga definida. Eu gostei mais das magrinhas na barriga e definidas. Os seios são grandes. As pernas bem definidas, o bumbum. (Elsa)

Eu gostei da cintura da primeira. São mais magrinhas, cinturas finas. (Vanellope)

Camargo et al. (2011) desenvolveram um estudo semelhante sobre as funções sociais de orientação de ação e de identidade das representações sociais com relação ao corpo com estudantes universitários. No que diz respeito ao gênero feminino, o corpo ideal é um corpo bonito, magro e com curvas, contudo o rosto também apareceu enquanto parte de corpo importante, que deve ser dotada de beleza física e receber os cuidados necessários. Os autores nos lembram que os padrões estéticos são rígidos quanto às forma, tamanho e cor, eles enfatizam o jovem magro branco, as normas conferem aos indivíduos com esses corpos a imagem de sujeitos felizes e bem-sucedidos (CAMARGO et al., 2011).

Nos discursos das adolescentes notamos que o rosto e os cabelos eram importantes na categorização de belo ou feio, observamos nos trechos de falas que seguem que a forma do rosto e dos cabelos são partes do conjunto do corpo em que se avalia a estética.

Assim, achei bonito o rosto dela e o corpo bem feitinho. (Branca de Neve).

A que eu menos gostei foi dessa, a barriga, o rosto, os seios e os cabelos. Ela é muito estranha. (Elsa)

Gostei do rosto, dos olhos, do formato. (Aurora)

6.1.1 Uma cor natural

As entrevistadas se identificaram e se compararam com as fotografias de mulheres negras e ao explicaram porque gostavam desses corpos a justificativa envolvia a cor da pele e os cabelos cacheados. Sansone (2000) aponta para o fato da beleza negra ter sido mais explorada durante o último século, com a disponibilização maior de produtos de bens de consumo, estéticos, e a inclusão no mercado da moda do visual afro. Uma crítica que o autor tece em relação a essa exposição na publicidade é o fato de a beleza feminina negra estar ligada principalmente à sexualidade. Assim, o bonito se torna consumível não só para as mulheres, mas também por um público do mercado sexual. Muitas vezes exposta enquanto beleza exótica, a valorização desse corpo se dá através da desigualdade em relação às modelos brancas.

Porque a pele morena é muito linda, e cachos, cachos me chamam atenção. (Mulan)

Um corpo magro, moreno. (Jasmine)

Essa daqui me chamou atenção o cabelo cacheado, e a cor da pele negra. Que as vezes a gente sofre muito preconceito por ser negra, muitas vezes. (Pocahontas)

A cor da pele é uma natural, o cabelo eu também achei bonito (...). (Fiona)

A cor da pele, eu gosto de pele morena e negra. (Vanellope)

Acho bonito o cabelo cacheado. (Aurora)

A cor da pele e o cabelo cacheado. (Aquata)

O cabelo liso, percebido como um padrão valorizado socialmente, é comumente identificado como belo, enquanto o cabelo crespo e cacheado é considerado feio. O cabelo crespo, objeto de insatisfação entre as mulheres reflete uma identidade negra (GOMES, 2002). O cabelo e corpo negro são pensados a partir de uma cultura, e refletir sobre isso a partir de dentro ou do olhar do próximo não se dá sem conflitos, os quais podem gerar sentimentos de rejeição, de negação ao pertencimento étnico/racial ou de resignificação e aceitação. Entretanto, após 15 anos do período do estudo de Gomes, notamos nos nossos resultados uma mudança no sentido da insatisfação com o cabelo. As adolescentes apontam esses tipos de cabelos (crepos e cacheados), característicos da raça/etnia negra, como naturais e dentro da categoria de belo.

As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola (GOMES, 2002, p. 44).

Nos nossos resultados encontramos adolescentes que valorizavam as imagens de mulheres com cabelos crespos considerando-os como belos. É possível que depois da realização da pesquisa de Gomes (2002) ter havido mudanças sociais, sobretudo aquelas ligadas aos movimentos afro-brasileiros o que provocou mudanças na percepção do cabelo crespo e cacheado como elementos agora valorizados da identidade negra.

A observação das adolescentes é de que existem estéticas com mais espaço na mídia e outras com menos, as estéticas que fogem a uma perfeição corporal são excluídas. Refletindo sobre preconceito as duas entrevistadas abaixo apontaram características corporais que fazem algumas pessoas serem valorizadas ou excluídas, tanto no meio midiático quanto nas diversas interações sociais.



Figura 8 - imagem de pesquisa

Mesmo agora com tantas coisas contra o preconceito até hoje as pessoas ainda têm uma ânsia pela pessoa negra, gorda, com manchas no corpo como essa aqui (Bella).

A cor da pele influencia também. (Aquata)

Como já refletido anteriormente, Hoff (2016) nos demonstra como o papel da publicidade em relação à beleza natural tem sido distorcido e estereotipado. Acontece com certa frequência na publicidade, a pele negra ser associada ao sujo ou aos maus cuidados, sugerindo o uso de algum cosmético que vai transformar a vida de quem utiliza. Nesses tipos de propagandas se expressa o preconceito racial. A imagem de um corpo ideal, branco/claro, limpo/sem manchas, uniforme e bem modelado exclui os corpos negros, os corpos índios e de outras etnias. Para a autora, a mídia, no intuito de promover produtos e aumentar o número de consumidores, faz um jogo mercadológico tornando mais presente pessoas com estéticas diversas e produzindo produtos para necessidades específicas dessas. Essas necessidades são criadas ou justificadas exatamente pelas diferenças existentes.

A fala da entrevistada Fiona ao sugerir que uma pele branca é uma pele limpa é bem representativa desse discurso que destaca o antagonismo do branco/preto que simbolizam limpo/sujo, bom/mau, bonito/feio. “A pele dessa bem clarinha, bem limpinha” (Fiona).

6.2 O CORPO REJEITADO: FRACASSOS NO CORPO

Dentre os resultados da pesquisa, notamos que a presença ou ausência de marcas corporais como celulites, marcas comuns da idade como flacidez muscular e rugas ou características de síndromes foram fortes indícios de que o corpo envelhecido e mutilado é um corpo ruim e, portanto, rejeitado de várias formas. As justificativas para escolha dos piores corpos também incluem o peso (“magro demais”, “gordinha”, “barriga gorda”, pernas e braços flácidos, “malhado demais”), a presença de muitas tatuagens, de celulites e vitiligo.

Algumas das entrevistadas apontaram como obstáculo para ter um corpo bonito a falta de um dos seios e o cabelo raspado de uma das imagens. Essas mesmas escolhas e justificativas estiverem presentes nos discursos quando elas se referiam aos padrões midiáticos. A fala da entrevistada abaixo é emblemática quanto a estética rejeitada pelas adolescentes.

Eu já não gostei dessa porque é muito magra e dessa porque é cheia de sarna, sei lá o que é isso. Essa daqui é muito gorda. Essa também é magra demais. Essa daqui, não é por causa da doença (síndrome de down), mas ela é feia. E essa aqui é porque ela já é velha. Essa tem o corpo cheio de... E: celulites? R: isso. E essa daqui por causa do rosto e essa porque é, tipo assim, muito bombada. Essa é gorda demais, o cabelo é bonito, mas ela é feia. Nessa aqui... falta um peito (risadas). (Branca de Neve)

Para Le Breton (2016) os sujeitos são convidados a construírem o corpo de forma a modelarem e preservarem a aparência, ocultando o envelhecimento e, talvez, adiando a morte. Observa-se que as adolescentes ao rejeitarem alguns corpos de certa forma confirmam essa ideia. O corpo envelhecido ou com “anormalidades” são corpos considerados feios.

Mesmo reconhecendo os padrões da mídia e os padrões difundidos socialmente como inacessíveis, as mulheres ainda se sentem inseguras com o seu corpo, em partes ou em sua totalidade. Os discursos produzidos pela mídia criam a imagem de um corpo padrão que deve ser almejado a qualquer custo, assim como também criam a imagem do corpo a ser evitado, um corpo que parece não ser saudável.

Em seu estudo Goetz, Camargo, Bertoldo e Justo (2008) observaram que a preocupação excessiva em estar dentro de um padrão estético valorizado, isto é, de corpo magro entre mulheres é uma passagem para o desenvolvimento de distúrbios alimentares, como a anorexia. A distorção da imagem corporal leva à prática de controle da alimentação de formas não saudáveis.

6.2.1 *Corpo envelhecido*

A imagem de uma mulher idosa (Figura 9) foi eleita entre as piores. Segundo a fala das jovens o corpo apresenta muitas marcas de “celulite”, flacidez muscular, a roupa está inadequada para a idade da mulher e a própria idade se torna uma justificativa para o corpo não ser bom o suficiente para estar entre os melhores corpos.



Figura 9 - imagem de pesquisa

E essa aqui é porque ela já é velha. (Branca de Neve)

Porque ela é velha e os braços são moles. Essa outra aqui parece nova, mas velha ao mesmo tempo por causa das celulites. (Merida)

E essa velha tem muita celulite na perna toda, né? Assim é difícil, tem gente que tem um pouco aqui e ali, mas assim é demais. (Ariel)

Mas acho que o jeito de se vestir está desproporcional com a idade. (Bella)

Essa idosa, por mais da idade ela tem um corpo preservado, fora as pernas, né? (Aquata)

E essa mais de idade, é estranho pra mim ver ela assim. No corpo dela eu gostei do rosto, e não gostei, assim, mostrando as pernas, entendeu? (Vanellope)

O envelhecimento parece estar associado ao ciclo da vida no qual o sujeito deixa de ser produtivo, o corpo adoece e não tem a mesma força de antes. Do ponto de vista do pensamento social, o envelhecimento é uma fase de restrições e perdas tanto físicas como psicológicas, remetendo à ideia de rejeição e desvalorização social (ALMEIDA; SANTOS, 2002). Como destacam Coutinho, Tomazeti e Acosta (2013), estar velho é estar fora de forma, cansado e fora da moda. A velhice é usualmente definida como uma época em que o indivíduo tem a diminuição da resistência a doenças, mudanças corporais e a redução da agilidade (ARAÚJO; SÁ; AMARAL, 2011).

Dentre as falas aparece um discurso de censura aos corpos e os modos de vestir. Parece haver uma norma implícita sobre a forma “adequada” para cada idade. Observamos nas falas das adolescentes que a roupa está inadequada à idade e que as pernas não deveriam estar aparecendo. Assim, no caso do corpo velho, o pudor e a moda atuam como formas de controle. O envelhecimento no corpo feminino traz significações acerca da diminuição da beleza. Os traços mais visíveis da idade são ou devem ser escondidos, não sendo permitido aos corpos envelhecer, visto que o envelhecimento é desvalorizado do ponto de vista cultural. Em duas justificativas acima aparecem a palavra velha como autoexplicativa -“porque é velha”- como se a beleza fosse ausente nesse período de vida.

É sobre o corpo feminino que se faz mais intervenções, os discursos médicos estéticos são mais acentuados para esse gênero, provocando um sentimento de necessidade de mudança entre as mulheres (COUTINHO; TOMAZETI; ACOSTA, 2013). Os autores notaram em seu

estudo com homens idosos que quando se trata da velhice a preocupação com a beleza não é uma questão primordial. Para os homens o foco principal é o afastamento do trabalho e a perda da força muscular.

Araújo, Sá e Amaral (2011) chegaram à conclusão de que a juventude é comercializada como um ciclo de vida de possibilidades, de sinônimo de saúde e de beleza, enquanto a velhice é tida como fora da moda e de forma (COUTINHO, TOMAZETI; ACOSTA, 2013). Para evitar o envelhecimento existe um grande comércio de tecnologias de rejuvenescimento: cirurgias, cosméticos, atividades físicas, todas com o objetivo de adiar o tempo, negar o envelhecimento. As transformações se tornam necessidades de ser e de parecer saudável.

6.2.2 O corpo estranho

A *Síndrome de Down* tem traços peculiares quanto a proporções do corpo, na altura e peso, assim como no rosto. As adolescentes reconheceram o corpo como estranho, mas preferiram não falar diretamente da *Síndrome de Down* nem associá-la à falta de beleza. Talvez pela pressão normativa, as adolescentes tenham se sentido desconfortáveis em justificar a colocação da imagem (figura 10) entre os corpos rejeitados e com isso expressar alguma forma de preconceito.



Figura 10 - imagem de p

Essa daqui, não é por causa da doença (síndrome de down), mas ela é feia. Nessa aqui... falta um peito (risadas). (Branca de Neve)

A que eu menos gostei foi dessa, a barriga, o rosto, os seios e os cabelos. Ela é muito estranha. (Falta um dos seios). (Elsa)

Essa aqui tem umas manchas na pele (vitiligo), ai não tem como a gente dizer que é bonito né? Porque não é bonito. Por mais que seja uma doença. (Ariel)

Essa daqui tem manchas no corpo (vitiligo). (Rapunzel)

Nessa aqui foi o volume de tatuagem. Tatuagens muito grandes chamam muita atenção. (Mulan)

E essa aqui as tatuagens, porque uma vai lá, mas várias deixa feio. Eu acho. (Pocahontas)

O estranhamento com a ausência de um seio assusta e aparece nos comentários das adolescentes. Essa parte do corpo é geralmente associada ao feminino, à maternidade, à sexualidade e à identidade da mulher, portanto a sua falta causa desconforto, as convoca a imaginar o confronto com uma perda, vista como mutilação. Almeida (2008) nos lembra que o seio é um símbolo do universo feminino adulto, balizado na identidade feminina e na busca de “ser mulher”.

O seio é permeado por elementos simbólicos, sensíveis, marcado por características singulares na vida da mulher adulta em relação a sua sexualidade, sensualidade, maternidade, no todo da identidade feminina e no objeto de desejo da menina em busca de um suporte identificador do ser mulher. [...]Em muitos momentos da vida da mulher, o seio tem, além de

alto valor simbólico, um lugar organizador de experiências importantes, tanto da maternidade, quanto dos atributos do feminino, pensados através do acesso ao mundo adulto feminino. Assim, pode-se dizer que os seios são instrumentos específicos de exercício do desejo feminino (ALMEIDA, 2008, p. 74).

A saúde estética nesta temática não parece significativa, uma vez que os sujeitos não são responsáveis pelo comprometimento da saúde nos casos de síndrome, câncer e do vitiligo. Assim a falta da beleza dos corpos não pode ser justificada pela falta de cuidado. Identificada nas falas acima, de Branca de Neve e Ariel, a doença é culpada pela falta de beleza, contudo não há como colocá-los entre os corpos bonitos porque essa característica os torna feios.

Também são lembradas nesta subcategoria as marcas corporais propositais: as tatuagens. A quantidade presente no corpo da figura do anexo 2 é vista como exagero, o excesso e o tipo de imagens no corpo o tornam feio, pois o corpo feminino deve chamar atenção pela beleza natural, segundo as jovens entrevistadas.

6.2.3 *O corpo musculoso*

As adolescentes ancoram a imagem do corpo musculoso em valores que remetem à fragilidade do corpo feminino em oposição à força masculina. Essa concepção é baseada também nos papéis sociais que exigem do homem mais trabalho pesado e da mulher mais atividades sensíveis. O controle sobre os corpos e suas atividades, como lembra Foucault (2005), a partir de interesses de produção determina atividades específicas para o trabalhador que demandam esse tipo de comportamentos de gênero.

Beraldo (2014) nos lembra que a feminilidade aparece como fator de ligação entre a mulher enquanto sujeito e sua construção da imagem ideal, baseada numa sociedade regida pela cultura patriarcal. Assim a autora aponta que as roupas e as regras de etiqueta são símbolos da acomodação dos corpos femininos em padrões definidos pela estética da feminilidade. A conformação dos corpos também passa a ser construída em padrões de beleza de cabelos, unhas, sobrancelhas, pelos, pele entre outras partes do corpo que possam ser modificadas.

Dentro desse mesmo esquema, se especula a inserção e participação da mulher no mercado de trabalho, na conformação do corpo feminino na sociedade. A autora lembra que é propagada na mídia a ideia de que a mulher constrói o sucesso profissional em detrimento da vida afetiva e que por esse motivo ela estaria desestabilizada emocionalmente. (BERALDO, 2014).

Adelman (2003) em um estudo com mulheres esportistas chegou à conclusão que a prática de esportes gera uma ambivalência em relação ao significado da atividade física e a feminilidade do corpo. O conflito entre a prática de atividades físicas que vai transformar o corpo em um corpo que é considerado masculino vai contra o campo da sexualidade e da sensibilidade que estão ligados à representação do feminino.

Foi observado em nosso estudo esse julgamento de aparência do universo feminino e masculino entre o sensível e o musculoso. O desconforto das adolescentes ao ver a figura 12 é apresentado nas falas exatamente como foi observado por Adelman (2003): a mulher tem o dever de manter-se em forma, mas exagerar nos exercícios físicos pode transformá-la em um ser masculino é inadequado para a sua imagem feminina.



Figura 11 - imagem de pesquisa

Mas também bombada demais não presta, tipo essa aqui, essa daqui tá demais, porque quem é pra ser assim é os homens e não mulher. Mulher bombada demais é feio. (Ariel)

Essa malhada aqui, que parece mais homem, né (Jasmine)

E essa aqui eu não gostei, eu não achei bonito. Acho que quando uma mulher exagera em anabolizantes, academia, em vez dela transformar ela deforma o corpo. (Fiona)

Nessa aqui achei coisa demais, malhada demais. Não acho bonito mulher que tem coisa demais. (Charlotte)

Mas essa aqui eu não acho bonito, mulher com o corpo muito malhado. (Tiana)

Assim como notado por Adelman (2003) percebemos nas falas das adolescentes Jasmine, Ariel e Fiona que as atividades de musculação consideradas nas falas como exageradas e a utilização de anabolizantes acabam “deformando” o corpo feminino ao invés de embelezá-lo na medida em que o transforma em corpo de homem.

Os esteroides anabolizantes citados em uma das entrevistas, promovem um desenvolvimento muscular e ósseo, comumente por efeito de hormônios masculinos, como a testosterona. Além da questão de gênero subjacente aos discursos, uma das adolescentes ressaltou a questão de saúde, destacando que o uso incorreto de anabolizantes, atribuído à figura da mulher apresentada (figura 11), deformou o seu corpo.

As entrevistadas consideram importante a prática de atividades físicas para manter o peso, para emagrecer, por motivos de saúde, entretanto rejeitam as imagens em que supostamente os corpos parecem excessivamente exercitados e trabalhados. Nas figuras apresentadas, os corpos de mulheres musculosas tanto de frente quanto de costas são julgados entre os piores corpos. Em algumas vezes, dentre os corpos musculoso aquele que parecia menos delineado foi apontado pelas jovens como um padrão midiático de beleza (Anexo 2).

6.2.4 *Excessos no corpo*

As jovens asseguram que o excesso de gordura deixa o corpo feio, que até pode existir “gorda que é bonita”, mas não é o caso da figura 12. O extremo oposto do corpo gordo também é julgado enquanto pior corpo na opinião das adolescentes, (anexo 2, figura de uma mulher muito magra).

“Eu não gostei dessa aqui, está muito estranho, está muito magra, o quadril dela está com os ossos aparecendo” (Bella).

“Ela também não é muito magra, né? Porque tem pessoas que acham que tão muito gordas e acabam ficando muito magras” (Esmeralda).

“Essa aqui tem muito osso, muito magra. Não gostei de nenhuma parte do corpo dela” (Pocahontas).

Para Goetz e Camargo (2014) a obesidade se transformou em objeto de medo e discriminação, que está relacionada a falta de cuidado e de fracasso do sujeito. Sudo e Luz (2007) também haviam identificado que o sujeito considerado fora de forma, obeso, ou acima do peso falhou no objetivo de ser magro e buscará formas diversas para corrigir seus defeitos.

O indivíduo que apresenta algum atributo que o faz não ser aceito socialmente buscará opções para "corrigir" diretamente o defeito, seja através de plásticas, uso de remédios, etc. A partir de tal atitude, pode-se dizer, sim, que há uma aquisição de *status* normal, acompanhado de uma transformação no ego (SUDO; LUZ, 2007, p. 1037).

Para o excesso ou acúmulo de gordura são apresentadas saídas, reformas alimentares sugeridas por nutricionistas ou por pessoas que obtiveram resultados com elas. Os ex-obesos, ex-gordos tomam espaço na mídia como motivadores. Ao mesmo tempo se constrói a imagem de pessoas magras bem sucedidas profissionalmente e pessoas gordas sem êxito profissional (TEO, 2010).

Marcuzzo, Pich e Dittrich (2012) acreditam que na sociedade moderna, a partir de uma ótica fisiológica da imagem corporal, é presente objeções aos indivíduos obesos na dinâmica do consumo, moda, roupas. Eles são discriminados ao passarem por situações que os façam (re)perceber seus esquemas corporais. Ainda relatam que também são inferidas questões sexuais relativas obesos, implicando ideias de que o sujeito obeso é desprovido de atividade sexual. O desvio do padrão do corpo magro parece remeter à falta de atratividade sexual, o não desejo do outro.



Figura 12 - imagem de pesquisa

Essa daqui é muito gorda. (Branca de Neve)

Essa daqui tá gordinha demais, ai tá com umas gorduras aparecendo. (Ariel)

Porque tem um excesso de gordurinha. (Mulan)

Não gostei da barriga dessa, grande, gorda. (Merida)

Assim eu não sou preconceituosa com gordas, mas essa aqui não está bonita, tem gorda que é bonita né? A barriga dela eu não gostei, mas o cabelo é bonito (liso). (Sofia)

Quando o peso se torna um problema para a imagem corporal algumas adolescentes procuram outras partes do corpo para valorizar, assim como na fala acima (Sofia), na qual a adolescente aponta que o peso torna o corpo feio, mas o cabelo liso é bonito. O cabelo toma espaço na discussão mais uma vez, na fala acima o tipo de cabelo, valorizado socialmente, deixa o corpo menos feio. Também presente na discussão de Gomes (2002), a autora explica que o tipo de cabelo pode gerar desconforto nas adolescentes podendo gerar sentimentos de

inferioridade e baixa autoestima. A insatisfação com a imagem e a estética é reflexo de um padrão vigente.

6.2.5 Percebendo os padrões midiáticos

A partir do mesmo questionamento sobre os melhores e piores corpos foi solicitado às entrevistadas que refletissem se a mídia, através de revistas, propaganda publicitárias e pela televisão, faria as mesmas escolhas que fizeram ou se haveria diferenças. Essa solicitação para se colocar no lugar da mídia tinha como objetivo diminuir a pressão normativa e permitir que o sujeito se expressasse sem o receio de julgamento do outro.

Com as justificativas foi observado que as participantes percebem que a mídia tem um tipo de padrão para o corpo feminino que parece se afastar da imagem com a qual se identificam. Existe uma generalização quanto ao corpo bonito e saudável, são características desse a cor da pele e o pouco peso. Algumas características são semelhantes as suas escolhas (peso e forma), mas geralmente se diferenciam quanto à cor da pele e o tipo de cabelo. Algumas também notaram a carência de conteúdos nessas revistas onde corpos com algum tipo de deficiência ou com marcas comuns e naturais do corpo, como celulites por exemplo, sejam mostradas como normais.

Eu acho que pra televisão a mulher bonita é mulher magra, mulher que não tem gordura, enfim. (Fiona)

Magrinha, com a barriga bombadinha. (Ariel)

Essa, por ter um corpo, que de certa forma a mídia impõe, mas é bonito também, assim magro... a cor da pele influencia também. (Aquata)

Acho que sim, porque o que prevalece é a beleza, o cabelo liso. (Merida)

Porque hoje em dia eles procuram mulheres com mais bumbum, mais seio, mais força. Mais corpo. E: e qual viria por último? Essa porque está cheia de marcas de celulite. (Rapunzel)

Sempre tem isso né? O que eles acham que as melhores têm que ser aquelas magras, né? Com o rosto mais fino. (Bella)

Acho que essa seria padrão, a gente pensa também, pela questão da sociedade, é muito difícil achar uma mulher assim numa capa de revista, sem parte do corpo, com deficiência. Por último viria essa das celulites. (Anna)

A figura 13 foi retirada do *google* com a busca por revistas femininas, foi escolhida aleatoriamente entre as primeiras imagens que apareceram no item de busca, a imagem foi retirada exatamente como está acima. Percebemos inicialmente que o corpo saudável veiculado nessas mídias impressas tem exatamente o padrão descrito pelas adolescentes entrevistadas, ao lado dos corpos brancos, esculpturais e sem nenhuma marca corporal a receita “do segredo”. Boa parte das revistas apresentadas na figura acima têm nomes que remetem à alimentação e à saúde associadas a beleza.



Figura 13 - Capas de revistas com padrão de corpo feminino.

Segundo Goetz e Camargo (2014) a mídia tem se tornado um grande veículo para justificar essa normatividade estética. As publicidades, como aquelas apresentadas na figura 13, legitimam insatisfações corporais nas mulheres que fogem ao padrão imposto. Para Goetz, et. al. (2008) esses tipos de anúncios podem gerar distorção da imagem corporal que os sujeitos têm de si e provocar sentimentos de mudanças através de variados procedimentos estéticos.

A “feitura” é uma condição para exclusão social da mulher, uma vez que nos discursos das revistas o objetivo da modificação dos corpos, além de atrativo sexual e de sentimentos de bem-estar mental e corporal, é o sucesso profissional e o reconhecimento dos outros quanto a

qualidades pessoais (GOETZ. et al., 2008). A mídia reproduz discursos de especialistas sobre saúde reforçando nas falas dos especialistas e resultados de um estilo de vida saudável cuja função é criar formas de comportamentos (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004) que induzem as mulheres a praticarem dietas e outros tipos de atividades para atingirem um mesmo padrão.

As adolescentes notaram que mesmo com representatividade de modelos negras nas revistas e em concursos ainda é presente em sua cultura a discriminação, o número de modelos, atrizes, jornalistas entre outras profissionais nesse ambiente midiático ainda não chega a igualar-se ao número de mulheres brancas nessas mesmas profissões.

6.3 O CORPO MODIFICADO

A partir das perguntas sobre mudanças no corpo observamos que as adolescentes se sentem desconfortáveis com seus corpos e que utilizam diferentes meios para atingir o ideal de corpo, o que corrobora resultados de outros estudos apontados na revisão de literatura (CONTI et al., 2009; BRAGA; MOLINA; FIGUEIREDO, 2010; CAMARGO et al., 2011; CAMPAGNA; SOUZA, 2015).

Apenas quatro das entrevistadas indicaram que se sentem confortáveis com seu corpo, doze assumiram seu desconforto e três afirmaram que há momentos em que não se sentem confortáveis com o corpo, como mostra a figura 14. Quando questionadas se fariam mudanças no corpo apenas duas informaram que não realizariam nada para mudar o corpo, enquanto as outras dezoito apontaram insatisfações com a barriga, pernas, nádegas, seios, rosto etc. Dentre as intervenções relataram cirurgias e cuidados estéticos, práticas de dietas e de exercícios físicos.

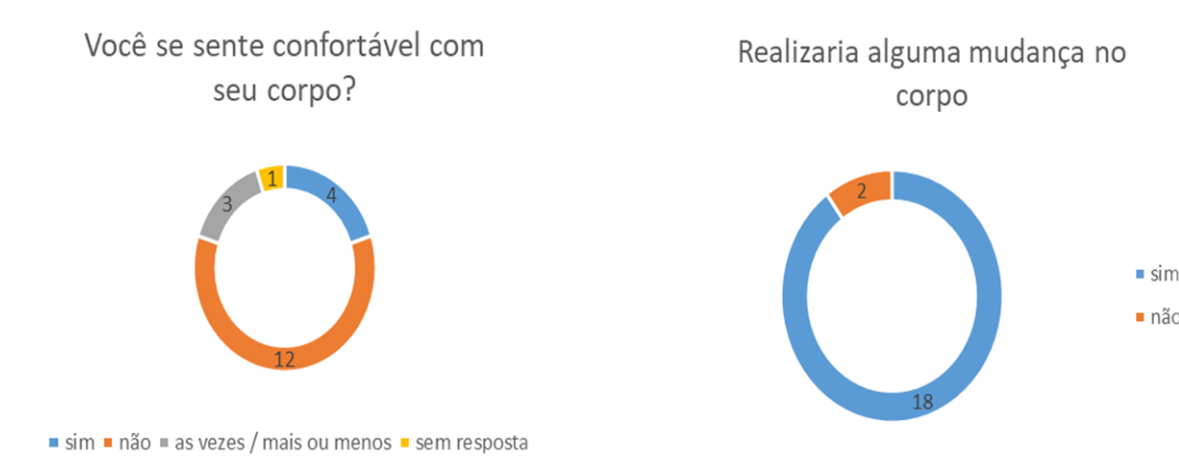


Figura 14 - Gráficos sobre satisfação e insatisfação corporal.

A busca pela beleza provoca a vontade de transformar, aumentando e melhorando o corpo para um outro, para o olhar do outro, para receber as recompensas conferidas aos “corpos perfeitos”. Para atingir os padrões difundidos são pensadas formas de mudar a estética através de cirurgias, também pela realização de atividades físicas e práticas de alimentação através de dietas (TAKARA; TERUYA, 2013; TONINI; SAUERBRONN, 2013).

Os procedimentos disponíveis para tais mudanças podem envolver segundo Teixeira (2001) “pinturas, tatuagens, escarificações, deformações (como as cranianas, dentárias, dos pés), cirurgias, implantes, ornamentações, cosméticos, vestimentas, exercícios, regimes alimentares, elixires, magias, rezas, compõem uma amostra bastante significativa de formas básicas de tais intervenções” (TEIXEIRA, 2001, p. 195).

Le Breton (2016) chama a atenção para a construção da ideia de um corpo no rascunho, no qual se investir qualquer modificação. Uma vez que o corpo atualmente é esvaziado de valores e não é mais uma raiz da identidade do homem, ele é pensado como inacabado, um rascunho a ser corrigido. Para isso ele é isolado em peças, em estruturas modulares que podem ser substituídas a partir de diversas tecnologias de correção do corpo. A finalidade de modificar tanto os corpos é evitar o perecimento e a morte, transformando-os em máquinas perfeitas e apresentadas ao mundo.

“O corpo é então submetido a um *design* às vezes radical que nada deixa inculto (*body building*, marca corporal, cirurgia estética, transexualismo etc.). Colocado como representante de si, cepo de identidade manejável,

torna-se afirmação de si, evidencia de uma estética da presença” (LE BRETON, 2016, p. 22).

Como já demonstrado anteriormente, o Brasil está entre os primeiros países com maior número de cirurgias plásticas. A lipoaspiração, o implante de silicone nos seios, a rinoplastia, o aumento das nádegas e abdominoplastia são os mais frequentes procedimentos estéticos desenvolvidos no país.

6.3.1 Cirurgias estéticas

Observando os discursos das adolescentes percebemos que entre as partes do corpo que mais são indesejadas a forma de mudanças envolveria cirurgias. As principais modificações atingiriam os seios, pernas, nádegas e rosto, resultados que legitimam a quantidade de cirurgias plásticas realizadas no país envolvendo as mesmas partes do corpo. Secchi, Camargo e Bertoldo (2009) apontam que se cria uma dissonância entre o corpo ideal e o real (atual), e que as formas de se minimizar essa dissonância se dão a partir da realização de cirurgias e de outra forma de mudança estética. “A insatisfação com a imagem corporal influencia o poder, status e atração designados ao corpo, uma vez que se relacionam ao poder de atração exercido sobre o sexo oposto, em meio as suas interações sociais” (SECCHI; CAMARGO; BERTOLDO, 2009, p. 235).

O que as adolescentes entrevistadas buscam é tornar o corpo mais natural, compreendendo que natural é ser belo, estar dentro do padrão estético valorizado e, portanto, ter atratividade. Elas também justificaram que possuir certos atributos aumenta a autoestima.

Eu colocaria silicone nos seios e aumentaria as pernas. É porque, assim, eu não me sinto tão confortável com meu corpo do jeito que ele é, mas eu gosto dele mesmo assim. É porque, só por beleza mesmo, pra ter autoestima. Não pra ficar igual aquelas pessoas que muda demais e estraga, só pra ficar um pouco mais natural. (Alice)

Acho que eu mudaria tudo, não ficaria nada. Meu cabelo, porque meu cabelo não é assim é cacheado. Nem cacheado, nem liso. Mas eu não penso em intervenção cirúrgica. (Tiana)

Eu mudaria, as coxas e a bunda. Aumentaria. (Jasmine)

Assim, eu já passei em vários médicos e eles falaram que o peso tá de acordo com a altura, mas eu coloquei na minha cabeça que meus braços são muito largos e fico achando estranho. (Fiona)

Eu mudaria o nariz, os olhos, o formato do rosto, as pernas, aumentaria o peso, essas coisas. (Moana)

Eu, só queria mudar... Acho que não, só umas manchinhas que eu não queria de acidente nas coxas de um acidente de moto. Eu queria que desaparecesse. (Ariel)

Santiago (2012) identificou em seu estudo com adolescentes que a barriga e as pernas são prioridades para mudanças através de exercício físico, dietas e intervenções estéticas. As entrevistadas, embora citem a barriga como consequência de uma vida sedentária e, portanto, não saudável, desejam emagrecer para atingir “a beleza mesmo, só por autoestima”. Elas justificam que as mudanças desejadas têm como base a melhoria da saúde, mas destacam os padrões estéticos como meta a ser alcançada. O processo de embelezamento através de cirurgias parece não revelar os custos emocionais, físicos e financeiros. O sofrimento do processo se justifica pelas recompensas materiais, sociais e emocionais que estar dentro do padrão oferecem (TEIXEIRA, 2001).

Os seios e as nádegas são elementos investidos de sexualidade feminina e estão presentes nos discursos das adolescentes em vários momentos das entrevistas. A relação com o símbolo do universo feminino, também já discutido anteriormente, provoca sentimentos de atração ou repulsão nas adolescentes. O autor nos lembra que é no campo da sedução que as transformações no corpo talvez tenham mais retorno, na atração de parceiros (TEIXEIRA, 2001). Do mesmo modo, Conti (2009) propõe que o corpo dito como belo confere aos sujeitos benefícios tanto no âmbito profissional quanto sexual. Sujeitos com corpos desejáveis, disponíveis para relações, são aqueles que se adequam à norma estética e para essa finalidade estão disponíveis às mudanças.

6.3.2 *Mantendo o corpo*

Para justificar o posicionamento contrário a mudanças no corpo, as jovens relataram um pouco da experiência pessoal. Uma delas afirmou que está satisfeita em relação ao peso

corporal e que se sente confortável com outros aspectos do corpo e reforça a ideia de que é responsável pelo sucesso de ter conseguido emagrecer.

Eu não mudaria porque há um tempo atrás eu tava gordinha aí eu me esforcei para emagrecer e emagreci, mas agora eu estou com o peso ideal, que eu acho ideal. (Aquata)

A segunda entrevistada, que não mudaria nada em seu corpo, relatou um episódio de bulimia que estava desenvolvendo por se preocupar demais com a aparência, mas que foi superado e atualmente ela tem uma alimentação correta.

Eu quase tive Bulimia por causa da minha barriga. É como se eu estivesse cheia, me sentia como se não precisasse comer. Arrumava desculpas para não comer mais. (...) Hoje eu me sinto, do jeito que ele é. Me alimento direito, porque antes eu mal queria comer. (Charlotte)

As adolescentes passaram por momentos em que se consideravam fora do padrão estético valorizado e que deveriam fazer um esforço para atingi-lo. No caso da primeira o esforço não lhe causou problemas de saúde, contudo a segunda percebeu que estava desenvolvendo um transtorno alimentar, característico do medo de engordar.

O aparecimento dos transtornos alimentares é muito mais frequente entre mulheres jovens. O medo patológico de engordar provoca a necessidade de adotar métodos para a perda de peso como autoindução de vômitos, utilização de laxantes e diuréticos e a prática excessiva de atividades físicas (SANTIAGO; OLIVEIRA; BULHÕES; SIMÕES, 2012). Os autores relatam que existe nas redes sociais grupos de apoio a adolescentes com esses distúrbios alimentares, elas compartilham do sentimento de controle dos próprios corpos. Os autores apontam para o risco de a anorexia nervosa estar se tornando um estilo de vida entre as adolescentes:

As páginas da internet expõem a existência de um grupo de jovens de tal forma coesas e determinadas, que atribuem à ausência de ingestão de alimentos, uma forma de superação e controle total sobre o seu corpo e sobre as suas necessidades básicas. Estas jovens só admitem no seu grupo de partilha de experiências, outras já com a patologia diagnosticada (SANTIAGO; OLIVEIRA; BULHÕES; SIMÕES, 2012, p. 628).

Refletindo sobre o que Camargo, Goetz, Bousfield e Justo (2011) chamam de ditadura da magreza, observamos que as pessoas podem se tornar obsessivas por se preocuparem sobretudo com a alimentação para atingir um ideal de beleza inalcançável, forjado nas

publicidades e nas redes sociais. De acordo com Goetz et al. (2008) os meios de comunicação produzem notícias, representações e expectativas com as publicidades e informações ambíguas. Na mesma medida promovem o uso de produtos dietéticos e regulação da alimentação enquanto estimulam consumo de lanches calóricos e gordurosos. Provocando uma dissonância nos sujeitos quanto à saciedade do desejo pelas comidas calóricas ou permanecer com o corpo dentro dos padrões estéticos e de saúde presentes na sociedade.

6.4 PRÁTICAS DE CUIDADOS DO CORPO

Ao questionarmos as entrevistadas quanto à forma como cuidam do seu corpo notamos três ramificações dos tipos de cuidados, a primeira relacionada à prática de atividades físicas, a segunda diz respeito à forma de alimentação e, por último, a terceira é a preocupação com os cuidados faciais. A representação de corpo tem como base a saúde, alimentação, a estética e a prática de atividades físicas (CAMARGO; GOETZ; BOUSFIELD; JUSTO, 2011).

6.4.1 Exercícios

Quando questionadas sobre as atividades que desenvolviam para cuidar do corpo, os exercícios físicos apareceram como práticas predominantes. Compreendemos que entre elas há uma adesão muito forte à prática de exercícios em casa, sem instruções, práticas que são geralmente desenvolvidas em academias. Contudo também se referem à prática de esportes comuns na nossa sociedade como o futebol e a corrida. As atividades físicas são um artifício para as possibilidades de modelar o corpo (MARCUIZZO; PICH; DITTRICH, 2012).

Eu já fiz, num tem umas atividades que você faz em casa mesmo né? (Ariel)

E eu fazia caminhada e corria, pra perder peso. (Rapunzel)

Eu faço exercícios pras pernas e uso muito hidratante. (Pocahontas)

Jogo bola. (Merida)

Eu faço agachamentos em casa, mesmo. Fico nas pernas, num tem? (Vanellope)

Eu tento me exercitar, fazer abdominal. (Bella)

Eu sou uma pessoa muito sedentária. (Tiana)

As práticas esportistas citadas são atividades de fácil realização, envolvem o levantamento de pesos e musculação e visam a perda de peso e o melhoramento da barriga e pernas, corroborando com nossa discussão de saúde e estética que sempre estão presentes nas entrevistas sobre o corpo. A vontade da realização da atividade física não pode ir contra o pensamento delas de que um corpo muito musculoso é visto como masculinizado. Sendo assim, percebemos nas falas que a finalidade das atividades é a perda de peso e a definição do corpo. Como nos lembra Adelman (2003) o exercício não pode ser gerador de conflito com a sensibilidade e a sexualidade feminina.

6.4.2 *Dieta e Alimentação*

Até mesmo entre mulheres de peso “normal”, saudável, há uma preocupação alimentar com a finalidade de emagrecer mais ou de evitar engordar. Teo (2010) em um estudo sobre o discurso sobre alimentação em revistas para o público feminino aponta que personagens famosas aparecem demonstrando uma dieta ou uma alimentação que a fez perder muitos quilos, mesmo sem necessidade.

O emagrecimento é um requisito para o embelezamento, mesmo entre mulheres que não estão acima do peso. Apresenta-se nessas revistas orientações de especialistas, opiniões de pessoas influentes que seguiram as dietas e apresentam resultados incontestáveis, a voz do especialista e do intermediário (revista, publicitário, personagem público) são muito convincentes para propagação da informação. Tudo isso no intuito de convencimento de que as mulheres estão fora de forma e precisam emagrecer (TEO, 2010).

Controlar a alimentação implica na ideia de responsabilização do sujeito pelo sucesso ou fracasso da beleza (CAMARGO et al., 2011). Podemos identificar nos comentários abaixo o como as adolescentes controlam sua alimentação e o que esperam como resultado:

Eu evito comidas gordurosas. Comer mais coisas saudáveis, né? (Aquata)

Eu como muito. Mas eu sou uma pessoa muito sedentária. (Tiana)

Não. Eu mudaria a barriga, eu deixaria magrinha. Porque desde pequena eu sou bem gordinha. A pessoa pode emagrecer e tomar shake que ela continua no mesmo canto, aí é uma coisa que eu odeio. (Bella)

E quando eu era mais cheia e queria emagrecer eu deixava de comer. Eu sou do tipo que quando quer engordar engorda, quando quer emagrecer emagrece. Eu sei, assim, fazer dieta. Sou acostumada a fazer. (Ariel)

É percebido que o controle da alimentação se baseia em um discurso de saúde para justificar a questão estética. Nas entrevistas, a insatisfação com o sedentarismo e o acúmulo de gordura são resolvidos pela dieta exagerada, seja pela diminuição da alimentação, seja pelo excesso de consumo de determinados alimentos.

6.4.3 Cuidados faciais

Além de aparecer na categoria do corpo modificado a preocupação com o rosto também está nos relatos sobre cuidado com o corpo. A maquiagem, a pintura de cabelos, aplicação de *piercings* e tatuagens são práticas usuais e legitimadas a favor da beleza (TEIXEIRA, 2001). Sendo assim as entrevistadas citam a boa higiene da pele e do cabelo relacionada à vaidade, o uso correto de maquiagens e apontam para presença de manchas na pele como indesejáveis.

Acho que com uma boa higiene, eu sou muito vaidosa. Maquiagem, mas pra escola não, porque as vezes maquiagem demais estraga. (Alice)

Mudaria essas manchas de espinhas, que eu fico estourando. (Esmeralda)

Ter a pele e o cabelo bem tratados. (Fiona)

Com a ascensão da indústria cosmética os meios e produtos que camuflam as marcas de expressão, da idade e de imperfeições ganham um público certo. A variedade de produtos inclui maquiagens, cremes, ácidos, gel de limpeza, tonificantes, iluminadores, entre outros tipos, servem para ajudar os sujeitos a atingirem os padrões de beleza vigentes. Cria-se uma publicidade sobre o produto que o torna muito atrativo (SHMIDTT; OLIVEIRA, 2008).

A indústria da beleza ganhou mais um aliado quando surgiram as *blogueiras* (*blogueirinhas*) e *youtubers*, mulheres que compartilham através de vídeos e imagens a sua vida cotidiana, truques para sair bonita em fotos, truques de maquiagem, pintura de cabelos, até dicas de vestuário. Esses tipos de influências digitais têm se tornado cada vez mais comuns e são característicos dessa nova década. Percebendo o tamanho da influência que estas pessoas causam no público, marcas de cosméticos, roupas e moda têm investido mais em propagandas nos canais das mídias sociais. Como nos lembra Hoff (2016) os investimentos publicitários têm essa função de comercialização e não de empoderamento.

No caso das entrevistas o uso de maquiagem, cosméticos e cuidados em geral com a higiene da pele são mais acessíveis economicamente que as intervenções cirúrgicas. Com o objetivo de alcançar o padrão socialmente aceito de beleza as adolescentes que não podem pagar por cirurgias estéticas recorrem à utilização de cosméticos que permitem resultados de embelezamento, principalmente facial. Braga, Molina e Figueiredo (2010) apontam que as pessoas de classes menos favorecidas tendem a se esforçar para obter a imagem semelhante às outras classes ditas superiores, uma vez que a posse desse corpo oferece um lugar privilegiado na sociedade.

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As adolescentes se apropriam da norma implícita de ter ou manter o corpo magro. Esse tipo de norma, que Fernández-Dols (2012) define como uma norma informal, tem sanções de tipo emocionais, não explícitas, embora representem uma proibição ou ordem elas são formadas em um tipo de contrato social, não formal.

As entrevistadas estabeleceram entre si uma série de elementos e características no corpo mais significativos para categorizar o belo e o feio, são essas os seios, a barriga, as pernas e o rosto. Por meio de dessas características as normas são avaliadas, ou seja, não

adequar o corpo aos padrões estéticos gera julgamento de valores, que as levam a refletir sobre o próprio corpo e se auto avaliando, assim como os corpos das imagens, se são bem ou mal cuidados, se têm excessos e se algo pode mudar. Elas avaliam seu próprio corpo tomando como referência o olhar e o julgamento do outro.

Se por um lado, as normas sociais podem implicar na pressão para a obediência e conformismo, por outro lado, como bem salienta Fernández-Dols (2012) as normas sociais se impõe pelos benefícios que proporcionam, tanto individuais quanto coletivos. Esses tipos de julgamentos também servem de base para diferenciação e identificação intergrupar. As adolescentes que acreditam estar no conjunto dos corpos com estéticas valorizadas percebem que nesse grupo os sujeitos têm mais recompensas sociais, são mais valorizados. A prática de dietas e de exercícios físicos são elementos que fazem elas se identificarem no grupo do belo, porque as leva a atingir os padrões estéticos. Como quando Ariel diz saber fazer dieta para permanecer magra e Tiana que reconhece que não está dentro do padrão porque é sedentária.

Para dar significado ao que chamamos aqui de feio observamos o que entrevistadas colocaram em ênfase ao separar as imagens: celulites, músculos ou peso em excesso e idade. Existem atitudes negativas em relação a essas características, enquanto há atitudes positivas em relação magreza e ao corpo bem definido, nos fazendo pensar que a prática de atividades físicas, de dietas e de cirurgias estéticas (descritas nas entrevistas) são orientadas por essas atitudes. Elas também nos fazem refletir sobre o quão satisfeitas as adolescentes estão com o próprio corpo. Como destaca Lima (1993) umas das funções sociais das atitudes como as de orientação condutas, funções afetivas e sentimentos de identidade grupal.

Percebemos outra relação que nos chamou atenção nas entrevistas, ter cabelos cacheados e a pele escura nas falas das entrevistadas apareceram como características valorizadas diferentemente do que apontado na literatura, como estética rejeitada. Elas reconheceram nas imagens de mulheres negras semelhanças entre seus corpos e as identificam enquanto positivas, compartilhando entre si um sentimento de pertença a um grupo com a mesma raça/etnia. No entanto acreditam que por se diferenciarem dos padrões estéticos mais aceitos socialmente são vítimas de preconceito e discriminação.

Refletindo sobre as estéticas rejeitadas nos discursos das adolescentes observamos que parecem refletir uma certa norma implícita na sociedade relativa ao corpo musculoso como sendo típico da estética masculina. Essa estética parece ter como base as diferenciações de gênero, nas quais a valorização dos músculos parece ancorado na ideia da força masculina. Amâncio (1993) nos lembra que os valores servem de critérios para orientar ações, escolhas e atitudes, é com base em crenças e valores que os sujeitos encontram argumentos para

defender uma posição. Demonstrado quando Ariel e Jasmine relataram que o corpo musculoso é do universo masculino e não feminino e que o exagero de práticas esportivas deformaria o corpo ao invés de transformá-lo.

Ainda tratando de estéticas rejeitadas notamos que entre as adolescentes as marcas corporais têm um lugar de estranhamento e de repulsa, que podem nos revelar que a incorporação das normas implícitas de padrões estéticos e a diferenciação social organizam grupos por meio dos corpos. As imagens de mulheres mastectomizada, com vitiligo, com Síndrome de Down, sem pernas gerou desconforto durante a entrevista pois as adolescentes visivelmente não consideravam esses corpos belos, mas sentiam a necessidade de justificar que não era essa característica o motivo de colocar as imagens na categoria do não belo, enfatizando outras partes do corpo que consideravam bonitas, como cabelos, rosto e olhos. As marcas corporais revelam estigmas no sentido de Goffman (2004). Corpos marcados são desvalorizados socialmente, pois a estigmatização tem a função de um controle social de afastar minorias de vias de competição, neste caso de restrição atrativa a escolha de um par.

A estigmatização daqueles que têm maus antecedentes morais pode, nitidamente, funcionar como um meio de controle social formal; a estigmatização de membros de certos grupos raciais, religiosos ou étnicos tem funcionado, aparentemente, como um meio de afastar essas minorias de diversas vias de competição; e a desvalorização daqueles que têm desfigurações físicas pode, talvez, ser interpretada como uma contribuição necessidade de restrição à escolha do par (GOFFMAN, 2004, p. 118).

Muitas vezes os corpos com falta de beleza estética são confundidos com corpos não saudáveis, como apresentado por Bertoldo; Guignard; Dany e Apostolidis (2017) realizaram um estudo com 129 estudantes da universidade de Aix-Marselha, no qual analisava como os jovens avaliavam a saúde de outras pessoas com base na percepção da atratividade. Os indivíduos atraentes eram percebidos como mais saudáveis do que os não atraentes, indicando que a falta de atratividade é uma característica distintiva em termos de avaliação da saúde e atratividade.

Em comparação com este estudo podemos refletir que por uma pressão normativa as adolescentes negavam que a associação entre corpos feios e não saudáveis se dava exatamente pelo fator da saúde, entretanto, todos os corpos que tinham uma marca de doença ou síndrome foram rejeitados por elas. As imagens apresentavam mulheres com síndromes, com membros faltando e com vitiligo, e em sua maioria elas pertenciam a categorização dos corpos feios. Branca de Neve justificou que a síndrome de Down não era o principal motivo que a fez

escolher colocar a imagem entre as com piores corpos, mas também não fez outro comentário após isso.

Percebemos o quão impactante para as adolescentes é pensar sobre o seu corpo. Refletir ao mesmo tempo sobre as mudanças que estão acontecendo tanto no nível biológico quanto social, de como o seu corpo interfere em suas relações sociais, se deparar com insatisfações entre o real e o ideal e também com a batalha pela transformação dele. Nos permitindo pensar que essas situações descritas interferem nas atitudes referentes as práticas de cuidado com o corpo, essas adolescentes que se mostraram, na grande maioria, insatisfeitas com uma ou mais partes do corpo nos informaram que são adeptas à transformação do corpo através de práticas esportivas, de controle alimentar e, em alguns casos, adesão a cirurgias estéticas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As normas implícitas de estética que permeiam o ambiente social das adolescentes têm um papel fundamental na satisfação ou insatisfação corporal, como por exemplo, na definição de categorias de belo e feio, assim como na construção ou adesão de meios de modificação de seus corpos. A partir dessas relações elas usam argumentos para diferenciação e identificação intergrupal, com a intenção de permanecerem no grupo que tem a estética valorizada socialmente e aderem a práticas que vão lhes conferir esse lugar privilegiado.

As representações de corpo feminino entre este estudo e outros analisados na literatura parecem convergir em seus elementos de objetivação e ancoragem. O melhor corpo é objetivado no corpo magro, sem marcas de idade e de flacidez, definido e bem feito, porém não muito musculoso. Enquanto o pior corpo é aquele com marcas em excesso, muito musculoso (masculinizado) e com deficiências.

A ideia inicial de comparar zona rural e urbana não foi possível, do ponto de vista metodológico, visto que as escolas rurais no local escolhido, eram voltadas apenas para o ensino fundamental de crianças. Assim, as adolescentes entrevistadas estudavam em zona urbana. Portanto, o fato de encontrarmos resultados semelhantes a estudos realizados em grandes metrópoles pode ser explicado pela participação das adolescentes de zona rural nos espaços urbanos e nos grupos sociais dentro e fora da escola.

Outro ponto importante a destacar é a relação entre beleza e saúde. Os corpos belos (magros, jovens, curvilíneos) são associados a corpos saudáveis, enquanto os corpos feios (velhos, gordos, com deficiência) são considerados sem saúde. Os exercícios físicos, dietas e uma boa higiene aparecem como saídas para se atingir os padrões de beleza aos quais as entrevistadas valorizam.

Também foi observado que as adolescentes assumem a responsabilidade sobre o fracasso ou sucesso de atingir o padrão valorizado de corpo. Elas afirmam que são insatisfeitas com o corpo que tem e que mudariam várias partes do corpo se fosse possível. O sucesso e o fracasso são discursos incluídos no julgamento dessas normas implícitas, que envolvem dimensões afetivas, valores e crenças. Dentro das categorias estabelecidas foram percebidas questões que envolvem papéis sociais de gênero, além de características corporais que são associadas a corpos masculinos e femininos, geralmente ressaltando-se a sexualidade e sensibilidade feminina e a força masculina.

Em um quadro comparativo entre as partes do corpo nas quais as adolescentes realizariam alguma mudança e os indicadores da ISAPS, apresentados no segundo capítulo, percebemos que o índice de insatisfação das adolescentes com os seios, as nádegas, as pernas, a barriga e o nariz, são também um reflexo da insatisfação da grande maioria das mulheres brasileiras.

Com os dados sobre as práticas de cuidado com o corpo podemos refletir em como essas adolescentes encaram a saúde, a alimentação e a prática de atividades físicas utilizadas como soluções para atingir os padrões de corpo belo e seus impactos na vida e saúde dessas adolescentes. Podemos também refletir sobre os distúrbios de imagem e alimentares que estão fortemente presentes entre mulheres jovens e têm efeitos devastadores na saúde feminina.

Como lembrado por Campagna e Souza (2006) a adolescência marca intensamente a idealização da imagem corporal e a mulher passa por diversas mudanças corporais que vão ter impactos social e psicológico. Sendo assim, a insatisfação corporal também afeta as adolescentes quando percebem que o seu esquema corporal é diferente do que gostariam de ter.

As adolescentes identificaram que a mídia ainda seleciona modelos brancas e de cabelos lisos para estampar campanhas publicitárias. Contudo, elas nomearam os corpos negros/"morenos" de cabelos crespos e cacheados como corpos naturais, se identificando com as figuras apresentadas. Aparentemente elas se apropriaram e compartilham dos padrões midiáticos que envolvem peso e forma, tanto em relação à categoria do belo quanto ao feio.

A pesquisa em representação social, pela sua complexidade, exige múltiplos métodos de pesquisa, embora nesse estudo tenham sido realizadas apenas entrevistas é possível a realização de entrevistas em profundidade, que poderiam trazer outros elementos da história de vida das adolescentes e ter uma visão mais abrangente da complexidade deste objeto. Também apontamos como sugestão para estudos futuros que as participantes da pesquisa possam produzir as próprias imagens, por meio de desenhos, fotografias feitas por elas e/ou colagens de figuras. Assim distanciando a escolha dos corpos pelo pesquisador e deixando que elas os apresentem.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. (2003). La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In_____. **Méthodes d'étude des représentations sociales**. J. C. Abric (Org.), Saint-Agne: ÉRÈS.

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 11, n 2, p. 445- 465, julho/dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n3/a08v33n3>> Acesso em: 07 fev. 2017.

ADRIANA Regina de Almeida. **A (re) construção da identidade/ diversidade feminina em mulheres mastectomizadas**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social, Trabalho e Sociedade). Universidade Estadual Paulista, Franca, 2008. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/adrianaalmeida.pdf>> Acesso em: 07 fev. 2017.

AIRES, Aliniana Barbosa. Convocações midiáticas para os corpos magro e obeso: produções de bissociabilidade do consumo. In: _____. **Corpos Discursivos: dos regimes de visibilidade às biossociabilidades do consumo**. HOFF, Tânia (org.) Recife, Editora UFPE, 2016.

ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos; Santos, Maria de Fátima de Souza Santos. Desenvolvimento Humano e Violência na Zona rural. In: _____. **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. Ed. Universitária da UFPE, 2005.

ALMEIDA, A. M. O., SANTOS, M. F. S. O envelhecer: teorias científicas x teorias populares. **Psico**. Porto Alegre:, v.33, n.2, 2002. Disponível em: <<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/psi-21152>> Acesso em 16. Nov. 2017.

ALMEIDA, A. M. O., CUNHA, G. G., SANTOS, M. F. S. Formas contemporâneas de pensar a criança e o adolescente. **Estudos**. Goiânia: v.31, n.4, p.637 - 660, 2004.

ALMEIDA, Talita Leão de. **"Uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher": representações sociais do corpo feminino**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://mlplus.hosted.exlibrisgroup.com/primo_library/libweb/action/display.do?fn=display&vid=CAPES&fn=eshelfEmail&searchByRemote=true&fullDisplay=&doc=TN_bdt10482/4697&displayLang=pt_BR&dscnt=0&scp.scps=&displayMode=full&dsmtp=1462209658873> Acesso em 20. Mai 2016.

AMÂNCIO, Lúcia. Identidade Social e relações intergrupais. In _____. **Psicologia Social**. VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1993.

ARAÚJO, Ludgleydson; SA, Elba Celestina do Nascimento; AMARAL, Edna de Brito. Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 31, n. 3, p. 468-481, 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 out. 2017

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cad. Pesqui.** São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 fev. 2017.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 24-34, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, Talitha Vieira Gonçalves; VIEIRA, Carmen Silvia de Campos Almeida; PAULA, Maria Angela Boccara de. A imagem corporal nas ações educativas em autocuidado para pessoas que tiveram hanseníase. **Physis**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/lil-709881>> Acesso em 12. Mai. 2016

BERALDO, Beatriz. **O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo**. (Anais de Congresso) PPGCOM ESPM. Comunicon 2014. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_cinco/GT05_BERALDO.pdf> Acesso em 23. Nov. 2017.

BERNI, Vanessa Limana; ROSO, Adriane. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 126-136, Abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Dez. 2017.

BRAGA, A. Corpo, mídia e cultura. **Razón y Palabra**, Cidade do México, n.69, 2009. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/CORPO%20MIDIA%20E%20CULTURA.pdf>>. Acesso em: 19 mar 2017.

BRAGA, Patrícia Déa; MOLINA, Maria del Carmen Bisi; FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 87-95, jan. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016

CAMARGO, Brígido Vizeu e JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição –

LACCOS. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>> Acesso em 07 nov 2017.

CAMARGO, Brígido Vizeu et al. Representações sociais do corpo: estética e saúde. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 257-268, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria; ALVES, Catarina Durante Bergue. As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 269-281, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016

CAMPAGNA, Viviane Namur; SOUZA, Audrey Setton Lopes de. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Bol. psicol.**, São Paulo, v. 56, n. 124, jun. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 ago. 2015.

CAMPOS, Mariana T. DE; HILDA R. C. AVOGLIA; EDA M. CUSTÓDIO. A imagem corporal de indivíduos com paraplegia não congênita: um estudo exploratório. **Psicólogo em Formação**, Campinas, 2007 . Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/psi-43578>> Acesso: em 21 dez. 2017.

CARROLL, Lewis. Alice: **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; & Através do Espelho**. 2ª ed. Com e il. Rio de Janeiro, Zahar, 1865/1872/2013.

CONTI, Maria Aparecida et al . A insatisfação corporal de jovens: um estudo exploratório. **Physis**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 2, p. 509-528, 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000200015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 dez. 2017.

CONTI, Maria Aparecida; BERTOLIN, Maria Natacha Toral; PERES, Stela Verzinhasse. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer?. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 2095-2103, July 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000400023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016

COUTINHO, R.X., TOMAZETI, R.V., & ACOSTA, M.A.de F. (2013, dezembro). Representação de corpo na velhice: o corpo real versus o corpo social. **Revista Kairós Gerontologia**, 16(4), 213-234. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/19665>> Acesso em: 17 nov. 2017

DINIZ, Larissa Raposo. **Um espelho a se contemplar**: a adolescência em discursos de adolescentes da zona rural. Recife, editora universitária da UFPE, 2010.

FÉLIX, Livia Botelho; ANDRADE, Danyelle Almeida de; RIBEIRO, Fernanda Siqueira; CORREIA, Clarissa Cristina Gonçalves; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, 5(2), 198-217, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/isabe/Downloads/20417-88488-1-PB.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2017

FERNANDÉZ-DOLS, José-Miguel. Normas formais e informais vs normas explícitas e implícitas: uma tipologia de normas alternativas. In_____. **Normas, Atitudes e Comportamento Social**. PEREIRA, Cícero Roberto; COSTA-LOPES, Rui. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

FLICK, Uwe. Dados Visuais: uma visão geral. In_____. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, Débora Cristina. Adolescência e Subjetividade: pressupostos teóricos para uma análise dos sentidos e significados no campo da saúde. **Educação: Teoria e Prática** – Vol. 21, n. 36, Período jan/jun-2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107066/ISSN1981-8106-2011-21-36-63-83.pdf?sequence=1>> Acesso em: 29 jan. 2017

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 8ª Ed. 1988/2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 20ª ed. 1987/1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOETZ, Everley Rosane et al. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 226-236, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 jun. 2016

GOETZ, Everley Rosane; CAMARGO, Brígido Vizeu. Escala de Atitudes em Saúde e Estética: construção e validação. *Fractal*, **Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 199-222, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016.

GOFFMAN, Erving. O eu e o outro. In _____ **Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Tradução. Mathias Lambert. 2004 Data Publicação Original: 1963.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 2, p.40-51, Dec. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 Jan. 2018

HOFF, Tânia (org.) **Corpos Discursivos: dos regimes de visibilidade às biossociabilidades do consumo**. Recife, Editora UFPE, 2016.

JODELET Denise. Le sein laitier: plaisir contre pudeur?. In: **Communications**, 46, 1987. Parure pudeur étiquette. pp. 229-244; Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1987_num_46_1_1696> Acesso em: 24 out. 2016

JODELET, « Imaginaires érotiques de l'hygiène féminine intime. Approche anthropologique », **Connexions**, 2007/1 (n° 87), p. 105-127. DOI 10.3917/cnx.087.0105 <https://www.cairn.info/revue-connexions-2007-1-page-105.htm>. Disponível em: <file:///C:/Users/isabe/Downloads/CNX_087_0105.pdf> Acesso em: 24 out. 2016

JODELET, D. Le corps représenté et ses transformations (p 183-196). In _____. JODELET, D. **Représentations sociales et mondes de vie**. Paris: Editions des Archives Contemporaines, 1984/2015.

JUSTO, Ana Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu; ALVES, Catarina Durante Bergue. Os efeitos de contexto nas representações sociais sobre o corpo. **Psic.: Teor. e Pesq.** [online].

2014, vol.30, n.3, pp.287-297. ISSN 0102-3772. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000300006>.

JUSTO, Ana Maria; VIZEU CAMARGO, Brígido. Corpo e cognições sociais.

Liber., Lima, v. 19, n. 1, jan. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272013000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 4ª ed. 2016.

LIMA, Maria Luísa Pedroso. Atitudes. In_____ **Psicologia Social**. VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1993.

LOPES, Laura Cristina Cuvello; RUIZ, Claudenira Silva; ALVES, Maria Do Socorro; Costa, Michele E. Alves; MAIA, Sue Ellen Rodrigues; MARRONI, Denize. Auto percepção da imagem corporal entre universitários: uma análise comparativa. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, 2012, Vol.6(34), p.325. Disponível em:

<<http://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/view/313>> Acesso em: 28 set. 2016.

LUDGLEYDSON, Araújo; SA, Elba Celestina do Nascimento; AMARAL, Edna de Brito. Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 468-481, 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28. Mai. 2016.

MARCUZZO, Miquela; PICH, Santiago; DITTRICH, Maria Glória. A construção da imagem corporal de sujeitos obesos e sua relação com os imperativos contemporâneos de embelezamento corporal. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 16, n. 43, p. 943-956, Dec. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000400007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 05 Jan. 2018

MARTINS, A. M. **“Eu não sou homem mais”**: Representações Sociais de corpo para homens após o adoecimento por câncer da próstata. 2015. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sus-34914?lang=en>> Acesso em: 21 dez. 2017.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a05v16n1.pdf>> Acesso em 05 jun. 2016.

MAUSS, M. As Técnicas Corporais. In: Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEAD, Margaret. **Adolescência, sexo y cultura em Samoa**. 2. Ed. Editorial Laia, Barcelona, 1975.

MEDINA FILHO, Antonio Luiz de. Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 263-271, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 21 fev. 2017.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petropolis, RJ: Vozes, 1961/2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 6. Ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

NEVES, José Luiz. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Cadernos de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, nº 3, 2º sem/2006. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>> Acesso em: 05 Dez. 2014.

PASSOS, Michelle Delboni dos et al. Representações sociais do corpo: um estudo com adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 12, p. 2383-2393, dez. 2013 Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013001700004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 set. 2016

PEREIRA, Dressiane Zanardi. **A representação social de um corpo magro por adolescentes obesas**. Dissertação (Mestrado em saúde pública), São Paulo; s.n; 2011. 68 p. disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/lil-594141>> Acesso em 20. Mai. 2016

SÁ, Celso Pereira de. (1998). **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Petrópolis: Vozes.

SANSONE, Livio. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 6, n. 1, p. 87-119, Apr. 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 out. 2018.

SANTIAGO, Leonéia Vitória; OLIVEIRA, Noêmia Belém de; BULHOES, Alexandre Magno Câncio and SIMOES, Antonio Carlos. Representações sociais do corpo: um estudo sobre as construções simbólicas em adolescentes. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, São Paulo, v.26, n.4, p.627-643,dez.2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092012000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 out. 2017

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estud. afro-asiát.**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 49-65, Dec. 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2000000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Jan. 2018.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A teoria das representações sociais. In_____ **Diálogos com a teoria da representação social**. Org. Maria de Fátima de Souza Santos, Leda Maria de Almeida. Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SCHOSSLER, Joana Carolina; CORREA, Sílvia Marcus de Souza. Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na Revista do Globo da década de 1930. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 53-72, Abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28. Mai 2016.

SECCHI, Kenny; CAMARGO, Brígido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 25, n. 2, p. 229-236, jun. 2009 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 out 2017.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 28, n. 1, p. 101-108, Mar. 2012 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Dec. 2017.

SHMIDTT, A.; OLIVEIRA, C. O mercado da beleza e suas consequências. **UNIVALI**, Balneário Camboriú, Santa Catarina. 2008 Disponível em: <<https://siaibib01.univali.br/pergamum/biblioteca/index.php>> Acesso em 06. Jan 2018.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Corpos femininos superfície de inscrição de discursos**: mídia, beleza, saúde sexual e reprodutiva, educação escolarizada. Dissertação (Mestrado em em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11114>> Acesso em 20. Mai 2016.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANCA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 35, p. 37-78, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 jun. 2016.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; VIEIRA, Marcos Fábio. De comportadas a sedutoras: representações da mulher nos quadrinhos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 5, n. 13, p. 179-200, 2008. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/viewArticle/5316>> Acesso em 05 jun. 2016.

SIQUEIRA, Denise; FARIA, Aline. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 3, n. 9, p. 171-188, 2008. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewArticle/95>> Acesso em 05 jun. 2016.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; BARROS, Neide Célia Ferreira. As propagandas da revista feminina (1914-1936): a invenção do mito da beleza. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.7, n.1, jan. /jun. 2014, p. 106-120. <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/14655>> Acesso em 05 jun. 2016.

SOUSA, Yuri Sá Oliveira. **Maconha e representações sociais: a construção discursiva da cannabis em contextos midiáticos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

SUDO, Nara; LUZ, Madel T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 4, p. 1033-1040, ago. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000400024&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 nov 2017.

TAKARA, Samilo; TERUYA, Teresa Kazuko. Pedagogias da sexualidade feminina no blog "amigo macho". **Revista Artemis**, 2013, Vol.16, p.151. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/17350/9869>> Acesso em: 28 set. 2016.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. Produção e consumo social da beleza. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 7, n. 16, p. 189-220, Dec. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832001000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 Jan. 2018.

TEO, Carla Rosane Paz Arruda. Discursos e a construção do senso comum sobre alimentação a partir de uma revista feminina. **Saude soc.**, São Paulo , v. 19, n. 2, p. 333-346, jun. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 jan. 2018.

TONINI, Karla Andrea Dulce; SAUERBRONN, Joao Felipe Rammelt. Mulheres cariocas e seus corpos: uma investigacao a respeito do valor de consumo do corpo feminino. **REMark. Revista Brasileira de Marketing**, 2013, Vol.12(3), p.77(25). Disponível em: <https://www.academia.edu/14509424/MULHERES_CARIOCAS_E_SEUS_CORPOS_UM_A_INVESTIGA%C3%87%C3%83O_A_RESPEITO_DO_VALOR_DE_CONSUMO_DO_CORPO_FEMININO> Acesso em: 28 set. 2016.

VALA, J. (1997). **Representações sociais e percepções intergrupais**. Análise Social 32 (140): 7-29. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221840494M6zFQ7xv9Rd55BV5.pdf>> Acesso em: 27 out 2016

VALA, Jorge. Representações Sociais. Para uma psicologia Social do Pensamento Social. In _____ **Psicologia Social**. VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1993.

VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Rev. Mal-Estar e Subj.**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, mar. 2004. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 out 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Você vai receber 10 imagens de mulheres brasileiras e deverá organizar essas imagens a partir do que considera como melhor corpo.
2. Por quais motivos você identificou os melhores corpos?

3. Na sua opinião, como a sociedade ou a mídia organizariam as imagens que você avaliou?
4. Quando você pensa no seu corpo, o que você considera mais importante?
5. Você se sente confortável com seu corpo? Por que?
6. Você se sente desconfortável com alguma parte do seu corpo? Porquê?
7. Você realizaria alguma mudança no seu corpo?
8. Quais mudanças você realizaria e porquê?
9. Você já fez algum tipo de dieta ou atividade física ou outra intervenção no intuito de modificar o corpo? Por que?
10. Você considera importante o cuidado com o corpo? Por que? Como você cuida do seu corpo?

ANEXOS

ANEXO A - IMAGENS DA PESQUISA















ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação

CARTA DE ANUÊNCIA COM AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos (o) a pesquisador (a) Isabela Bezerra Ribeiro, a desenvolver o seu projeto de pesquisa Alice através do espelho: representações sociais e corpo entre adolescentes, que está sob a orientação do (a) Prof. (a) Maria de Fátima de Souza Santos cujo objetivo é analisar o conteúdo das representações sociais de beleza do corpo da mulher entre adolescentes, nesta Instituição.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se o/a mesmo/a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Juazeiro do Norte, em 12/04/2017

Maria Irene Esmeraldo Paz
Orientadora - CEDEA
19ª CREDE
D.O. 071 - 22 de Abril de 2015

Irene Esmeraldo Paz
Orientadora CEDEA/19ª CREDE

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS - Resolução 466/12)**

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) _____ {ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário (a), da pesquisa Alice através do espelho: representações sociais e corpo entre adolescentes. Esta pesquisa é da responsabilidade do (a) pesquisador (a) (Isabela Bezerra Ribeiro, residente à rua Mauriceia, nº474, Iputinga, Recife, Pernambuco, CEP 50670.480. Telefone: (81) 9.98626621 e e-mail: isabelab.ribeiro@outlook.com, para contato do pesquisador responsável, inclusive para ligações a cobrar). Está sob a orientação de: Maria de Fátima de Souza Santos Telefone: (81) 99961-0122, e-mail: mfsantos@ufpe.br

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde que o (a) menor faça parte do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização nem para o (a) Sr.(a) nem para o/a voluntário/a que está sob sua responsabilidade, bem como será possível ao/a Sr. (a) retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- A presente pesquisa visa investigar o que as adolescentes de escolas públicas de Juazeiro do Norte, Ceará, pensam sobre o corpo. A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista com o uso de imagens, no qual será investigada como as adolescentes constroem conhecimento sobre o corpo e quais práticas que utilizam para atingir certos padrões.
- O voluntário da pesquisa participará de uma entrevista, com duração média de 30 minutos, em sua escola. Após concedida a entrevista, não serão solicitadas outras participações do mesmo.
- Riscos: O tema trabalhado pode gerar uma resistência ou constrangimentos por tratar de questões relativas ao corpo, assim algumas medidas podem ser tomadas como a não insistência em assuntos que incomodem o voluntário ou a interrupção da entrevista. O entrevistador poderá conversar com os participantes que se sentirem incomodados a

fim de reestabelecer o bem-estar. Qualquer desconforto que seja identificado será levado em consideração para suspensão da coleta.

- Os benefícios que a pesquisa traz são de forma indireta. Os resultados deste estudo poderão contribuir para uma melhor compreensão da relação do adolescente com seu corpo oferecendo, assim, uma base para reflexões profissionais em algumas áreas sociais e da saúde para intervenção com os jovens.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário(a). Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, etc), ficarão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado pelo período de mínimo 5 anos.

O(a) senhor(a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

Assinatura do pesquisador (a)

Impressão
o

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo ____ Alice através do espelho: representações sociais e corpo entre adolescentes. ____, como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e

benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ assistência/tratamento) para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data _____

Assinatura do (da) responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do

sujeito em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS - Resolução 466/12)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 12 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você ____ (nome do/a menor)_____, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa: Alice através do espelho: representações sociais e corpo entre adolescentes. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Isabela Bezerra Ribeiro, com endereço rua Mauriceia, nº 474, Iputinga, Recife, Pernambuco. CEP 50670480 Telefone/ 81998626621 e e-mail: isabelab.ribeiro@outlook.com, para contato do pesquisador responsável, inclusive para ligações a cobrar). Está sob a orientação de: Maria de Fátima de Souza Santos Telefone: (81) 99961-0122, e-mail: mfsantos@ufpe.br.

Caso este Termo de Assentimento contenha informação que não lhe seja compreensível, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados e concorde com a realização do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guarda-la e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida e estará livre para decidir participar ou recusar-se.. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- A presente pesquisa visa investigar o que as adolescentes de escolas públicas de Juazeiro do Norte, Ceará, pensam sobre o corpo. A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista com o uso de imagens, no qual será investigada como as adolescentes constroem conhecimento sobre o corpo e quais práticas que utilizam para atingir certos padrões.

- O voluntário da pesquisa participará de uma entrevista, com duração média de 30 minutos, em sua escola. Após concedida a entrevista, não serão solicitadas outras participações do mesmo.
- Riscos: O tema trabalhado pode gerar uma resistência ou constrangimentos por tratar de questões relativas ao corpo, assim algumas medidas podem ser tomadas como a não insistência em assuntos que incomodem o voluntário ou a interrupção da entrevista. O entrevistador poderá conversar com os participantes que se sentirem incomodados a fim de reestabelecer o bem-estar. Qualquer desconforto que seja identificado será levado em consideração para suspensão da coleta.
- Os benefícios que a pesquisa traz são de forma indireta. Os resultados deste estudo poderão contribuir para uma melhor compreensão da relação do adolescente com seu corpo oferecendo, assim, uma base para reflexões profissionais em algumas áreas sociais e da saúde para intervenção com os jovens.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação do/a voluntário (a). Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, etc), ficarão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado pelo período de mínimo 5 anos.

Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

Assinatura do pesquisador (a)

ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo ____Alice através do espelho: representações sociais e corpo entre adolescentes____,

como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Local e data _____

Assinatura do (da) menor : _____

Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do/a voluntário/a em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu _____, CPF _____,

RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade da cessão do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados neste Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos, AUTORIZO, a pesquisadora Isabela Bezerra Ribeiro do projeto de pesquisa intitulado Alice através do Espelho: representações sociais e corpo entre adolescentes, a realizar a gravação de imagens e de áudio que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, autorizo a utilização destas imagens, áudio e/ou depoimentos para fins científicos, de estudos e divulgação da memória da FEB (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Nº 8.069/1990) dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei Nº 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004),

Recife, _____, de _____ de _____.

Assinatura do Voluntário da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável pela Entrevista

ANEXO F – TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Alice através do espelho: representações sociais e corpo entre adolescentes
Pesquisador responsável: Isabela Bezerra Ribeiro
Instituição/Departamento de origem do pesquisador: Universidade Federal de Pernambuco,
Departamento De Psicologia.
Telefone para contato: 81 9.98626621
E-mail: isabelab.ribeiro@outlook.com

O(s) pesquisador (es) do projeto acima identificado(s) assume(m) o compromisso de:

- Preservar o sigilo e a privacidade dos voluntários cujos dados (gravações e transcrições das entrevistas) serão estudados;
- Assegurar que as informações contidas nas entrevistas serão utilizadas, única e exclusivamente, para a execução do projeto em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o voluntário da pesquisa.

A pesquisadora declara que os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas), ficarão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora no endereço à rua Mauriceia, nº474, Iputinga, Recife, Pernambuco, CEP 50670.480, pelo período de mínimo 5 anos.

A Pesquisadora declara, ainda, que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco – CEP/CCS/UFPE.

Recife, 02 de Maio de 2017.

Isabela Bezerra Ribeiro
Assinatura Pesquisador Responsável